



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

PAULA TERESA PESSOA CAVALCANTI

**PERSPECTIVAS DE ALUNOS SUPERDOTADOS DE
CAMADAS POPULARES SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS DE
APRENDIZAGEM: GUIA DE ORIENTAÇÃO PARA
PROGRAMAS DE SUPERDOTADOS**

Dissertação de Mestrado submetida a
Universidade Federal Fluminense visando à obtenção do grau de
Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Lúcia de Mello e Souza Lehmann



Niterói
2017

PAULA TERESA PESSOA CAVALCANTI

**PERSPECTIVAS DE ALUNOS SUPERDOTADOS DE CAMADAS
POPULARES SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGEM: GUIA
DE ORIENTAÇÃO PARA PROGRAMAS DE SUPERDOTADOS**

Trabalho desenvolvido no Projeto de Extensão Escola de Inclusão, vinculado ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

Dissertação de Mestrado submetida a Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Lúcia de Mello e Souza Lehmann

C 376 Cavalcanti, Paula Teresa Pessoa

Perspectivas de alunos superdotados de camadas populares sobre suas trajetórias de aprendizagem: guia de orientação para programas de superdotados/Paula Teresa Pessoa Cavalcanti. - Niterói: [s. n.], 2017.

70 f.

Dissertação – (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

1. Superdotado. 2. Educação especial. 3. Inteligência múltipla. 4. População carente. 5. Pesquisa educacional. I. Título.

CDD.: 371.95



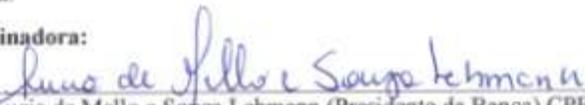
87ª Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado

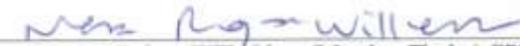
Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e dezessete, às oito e trinta horas, na sala 7 do Instituto de Biologia, Campus do Valonguinho, da Universidade Federal Fluminense, reuniu-se a Comissão Examinadora designada na forma regimental pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão, Modalidade Profissional (CMPDI) para julgar a dissertação orientada pela Dra. Lucia de Mello e Souza Lehmann do CMPDI/ Universidade do Federal Fluminense (UFF) apresentada pela aluna **PAULA TERESA PESSOA CAVALCANTI** sob o Título: **"PERSPECTIVAS DE ALUNOS SUPERDOTADOS DE CAMADAS POPULARES SOBRE SUAS TRAJETÓRIAS DE APRENDIZAGEM: GUIA DE ORIENTAÇÃO PARA PROGRAMAS DE SUPERDOTADOS"**, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão. Aberta a sessão pública, a candidata teve a oportunidade de expor o trabalho. Em seguida, foi arguida oralmente pelos membros da Banca, que, após deliberação, decidiu pela:

- Aprovação com entrega do documento corrigido no prazo máximo de 30 dias
- Aprovação com restrições condicionada ao atendimento das exigências e sugestões da banca (vide anexo) com entrega do documento corrigido no prazo máximo de _____ dias.
- Reprovação.

Nos termos do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação desta Universidade, foi lavrada a presente ata, lida e julgada conforme vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:


Dra. Lucia de Mello e Souza Lehmann (Presidente da Banca) CPF: 951.068.207-15
CMPDI/ Universidade Federal Fluminense – UFF


Dra. Neuza Rejane Wille Lima (Membro Titular) CPF: 924.529.577-04
CMPDI/ Universidade Federal Fluminense – UFF


Dra. Cristina Lucia Maia Coelho (Membro Titular) CPF: 366.968.707-68
CMPDI/ Universidade Federal Fluminense – UFF


Dra. Maria Clara Sodré Salgado Gama (Membro Titular Externo) CPF: 144.517.271-20
Instituto LECCA

Dra. Fernanda Serpa Cardoso (Membro Suplente e Revisor) CPF: 007.581.137-57
CMPDI/ Universidade Federal Fluminense – UFF

AGRADECIMENTOS

A todos que me incentivaram nesta nova jornada e em especial ao meu marido Andre e aos meus filhos, João e Fernanda que me fazem acreditar que tudo é sempre possível.

As minhas amigas queridas, Andrea, Cris e Lucia que me apoiaram e me sustentaram nos momentos de dúvidas e incertezas.

Aos meus colegas de turma do CMPDI que foram a força e o incentivo, em especial a minha companheira de linha de pesquisa, Claudiane.

A minha inspiradora e mentora, Maria Clara Sodre A. Gama que me apresentou a este tema pelo qual me apaixono a cada dia mais.

E em último, mas não menos importante, a minha orientadora querida, Lucia Lehmann que soube entender as minhas dificuldades e contratempos de horários e organização e me deu todo o apoio para que pudéssemos realizar esta pesquisa com excelência e sucesso.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| Lista de figuras..... | VI |
| Lista de abreviaturas, siglas e símbolos..... | VII |
| Lista de gráficos..... | VIII |
| Lista de tabelas..... | IX |
| Resumo..... | X |
| Abstract..... | XI |
| 1.Introdução | 12 |
| 1.1 Justificativa e relevância..... | 13 |
| 1.2 Por que estudar superdotação?..... | 16 |
| 1.3 Políticas Públicas..... | 22 |
| 1.4 O jovem hoje..... | 24 |
| 1.5 O jovem superdotado..... | 26 |
| 1.6 O Programa Estrela Dalva..... | 29 |
| 1.6.1 A seleção de alunos..... | 29 |
| 1.6.2 O trabalho realizado..... | 30 |
| 2.Objetivos..... | 36 |
| 2.1 Objetivo geral..... | 36 |
| 2.2 Objetivos específicos..... | 36 |
| 3.Material e Métodos..... | 37 |
| 3.1 Sujeitos..... | 37 |
| 3.2 Métodos..... | 37 |
| 4.Resultados..... | 39 |
| 5.Discussão..... | 53 |
| 6.Considerações finais | 58 |
| 6.1 Conclusão | 58 |
| 6.2 Perspectiva | 60 |
| 7.Referências Bibliográficas..... | 62 |
| 8. Apêndices e Anexos | 65 |
| 8.1 Apêndices..... | 65 |
| 8.1.1 Questionario..... | 65 |
| 8.2 Anexos | |
| 8.2.1 Subtítulo..... | |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|----------|---|----|
| FIGURA 1 | Taxionomia de Bloom (1956)). Criação própria..... | 34 |
| FIGURA 2 | Taxionomia de Bloom (2001)). Criação própria..... | 34 |

LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS E SÍMBOLOS

| | |
|--------|---|
| AH | Altas Habilidades |
| CREs | Coordenadoria Regional de Educação |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente |
| ENEM | Exame Nacional de Ensino Médio |
| ILECCA | Instituto Lecca |
| IRS | Instituto Rogerio Steinberg |
| ISMART | Instituto Social Motivar e Apoiar Talentos |
| LDBEN | Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional |
| MEC | Ministério de Educação e Cultura |
| NAAHs | Núcleo de Altas Habilidades Superdotação |
| OMS | Organização Mundial de Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PEC | Proposta de Emenda a constituição |
| SD | Superdotação |
| UERJ | Universidades Estadual do Rio de Janeiro |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|---|----|
| GRÁFICO 1 | Reação ao ser selecionado..... | 41 |
| GRÁFICO 2 | Você alguma vez se sentiu diferente das outras crianças?..... | 41 |
| GRÁFICO 3 | Reação da família..... | 42 |
| GRÁFICO 4 | Objetivo de vida..... | 43 |
| GRÁFICO 5 | Hábito de leitura..... | 44 |
| GRÁFICO 6 | Tratamento diferenciado na escola..... | 45 |
| GRÁFICO 7 | Diferenças nos estudos..... | 46 |
| GRÁFICO 8 | Mudanças na trajetória..... | 47 |
| GRÁFICO 9 | Fatores..... | 48 |
| GRÁFICO 10 | Fatores emocionais..... | 49 |
| GRÁFICO 11 | Negativo..... | 50 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----------|---|----|
| TABELA 1 | Idades dos participantes da pesquisa..... | 39 |
| TABELA 2 | Instituições..... | 40 |
| TABELA 3 | Diferenças..... | 43 |

RESUMO

A experiência com jovens de camadas populares no Rio de Janeiro aponta para a presença de superdotados e para os impactos que o acesso à educação pode gerar em suas vidas. O estudo toma como referência os jovens superdotados do Programa Estrela Dalva do Instituto Lecca, no Rio de Janeiro, que oferece um atendimento educacional especializado voltado para jovens oriundos de famílias de baixa renda. Os jovens, identificados pela instituição quando crianças, receberam atendimento diário durante dois anos, após os quais mais de 80% deles foram aprovados em concursos para ingresso em escolas públicas de excelência do Rio de Janeiro. Este estudo buscou identificar aspectos considerados determinantes pelos jovens para seu desenvolvimento e formação, identificando a percepção dos mesmos sobre suas trajetórias de vida e aprendizagem. O objetivo da presente pesquisa foi estabelecer parâmetros para o aperfeiçoamento de projetos no atendimento e orientação a jovens, especialmente superdotados. A pesquisa desenvolveu-se a partir da consulta a fontes de dados, questionário, grupo focal e entrevista. Os resultados indicam que esses jovens tinham desconhecimento de sua capacidade, não apresentavam hábito de leitura, tinham pouco conhecimento na área cultural, não consideravam a possibilidade de escolher uma carreira universitária e não valorizavam o estudo como um meio de ascensão social. Indicam também aspectos importantes para terem continuado os estudos e obterem sucesso, todo o conteúdo e reforço acadêmico recebido fora da escola, e enfatizam de forma significativa os aspectos emocionais, de orientação e apoio obtido através da equipe do programa. A análise de suas percepções nos aponta para a importância do apoio às dimensões de afeto, mudança de referência e valores culturais, conflitos significativos em relação aos familiares, sendo significativa e positiva a convivência com outros jovens em iguais condições. O conjunto de dados teve objetivo de construção do produto “Guia de orientação para programas de atendimento a jovens superdotados”.

Palavras-Chave: Superdotação, exclusão, talento, camadas populares, jovem, percepção

ABSTRACT

The experience with young people from the grassroots in Rio de Janeiro points to the presence of the gifted and to the impacts that the access to education can generate in their lives. The study takes as reference the gifted youngsters of the Estrela Dalva Program of the Lecca Institute in Rio de Janeiro, which offers a specialized educational service aimed at young people from low-income families. Young people, identified by the institution as children, received daily care for two years, after which more than 80% were approved in contests for public schools of excellence in Rio de Janeiro. This study aimed to identify aspects considered determinant by young people for their development and training, identifying their perception of their life and learning trajectories. The objective of the present research was to establish parameters for the improvement of projects in the care and guidance to young people, especially gifted. The research was developed from the data source consultation, questionnaire, focus group and interview. The results indicate that these youngsters were not aware of their ability, had no reading habits, had little knowledge in the cultural field, did not consider the possibility of choosing a university career and did not value study as a means of social ascension. They also indicate important aspects for continuing the studies and achieving success: all the content and academic reinforcement received outside of the school, and emphasize in a significant way the emotional aspects, orientation and support obtained through the program team. The analysis of their perceptions points us to the importance of support to the dimensions of affection, change of reference and cultural values, significant conflicts in relation to family members, being significant and positive the coexistence with other young people in the same conditions. The data set had the objective of constructing the product "Guidance for programs for the care of gifted young people".

Keywords: giftedness, exclusion, talent, popular layers, young, perception.

1. INTRODUÇÃO

Minha trajetória em educação iniciou quando, recém-formada no curso de formação de professores, assumi uma turma de Ensino Infantil, passei pela Educação Fundamental e depois atuei um longo tempo como orientadora educacional de jovens no Ensino Médio. Ao buscar completar minha formação com uma especialização em Psicopedagogia Diferencial me deparei com o universo da educação para os alunos superdotados e logo me apaixonei pelo tema. Comecei a atuar nesta área específica há dezessete anos e logo me envolvi com projetos sociais que atendem aos superdotados provenientes das classes menos abastadas. Buscando me aperfeiçoar ainda mais busquei completar minha formação com um mestrado neste campo.

O trabalho junto a alunos superdotados proveniente de camadas populares nos faz questionar: (1) como são estas crianças? (2) Será que se reconheciam como capazes, habilidosos? (3) O que os fez serem considerados como tal e será que teriam a possibilidade de desenvolver suas potencialidades por si só? Todas estas perguntas nos fazem buscar conhecer as histórias de vida destes sujeitos e mais, refletir que repercussões têm em suas vidas o fato de terem sido identificados como sujeitos especiais.

Sujeitos especiais em suas capacidades e que vivem em situações especiais, adversas, quando reporta-se às condições de vida, as dificuldades de acesso à cultura, aos bens de consumo e à escola de qualidade. Que significados têm para estes sujeitos o reconhecimento de suas capacidades? Em que medida se reconhecem como especiais compreendendo toda a dimensão que isto pode representar em suas vidas? Pode-se, a partir da compreensão de suas experiências, traçar estratégias de ajuda e atendimento mais eficazes para seus iguais ou semelhantes?

Buscamos para realizar esta dissertação, em um primeiro momento, focalizar que importância pode ter a identificação de alunos com altas habilidades e a inserção destes na área de Educação Especial. Situamos também como está sendo compreendida a questão da superdotação e como alguns estudiosos a definem. Acompanha alguns dos mitos e crenças relativos à superdotação, marcando a possibilidade de diferentes

compreensões do fenômeno no meio acadêmico e no senso comum.

A seguir, procuramos situar o contexto das políticas públicas no Brasil, buscando contextualizar o cenário político, que por um lado enfatiza a importância da Superdotação entre os temas da Educação Especial, mas que por outro pouco oferece aos alunos reconhecidos como superdotados.

Abordamos a questão do jovem de uma maneira geral, estando, no entanto, atentos como a juventude em nosso país tem especificidades e é um segmento da maior importância quando pensamos as questões de formação. Focalizamos entre os jovens um segmento de risco, frente as circunstâncias sócio econômicas e educacionais que circunscrevem a realidade brasileira. É neste aspecto que procuramos traçar uma rede de interrelação entre jovens, jovens superdotados e jovens pertencentes a um segmento de camadas mais populares.

A partir de dados coletados referentes ao ingresso de jovens no Programa Estrela Dalva, do Instituto Lecca, buscou-se identificar e analisar aspectos que foram significativos para o desenvolvimento de suas habilidades e qualidade de vida, usando para isso o discurso dos próprios jovens. Os dados obtidos e reflexões foram organizados sistematicamente com o objetivo de estabelecer parâmetros para aperfeiçoamento do programa e traçar estratégias de continuidade, constituindo o guia de orientação para programas com superdotados.

1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

A criança e o jovem superdotado tem sido objeto de atenção das leis direcionadas à Educação Especial. A situação ganha um contexto significativo quando a criança, além de ser identificada como superdotada, se enquadra em segmentos jovens da população de camadas populares pouco favorecidas. Apesar de diferentes estudos comprovarem um avanço em indicadores sobre a quantidade de educação no Brasil ainda é preciso atentar para a qualidade desse ensino oferecido especialmente na rede pública.

“O Brasil terá de adotar mudanças importantes na área do ensino, em relação às práticas vigentes tradicionalmente. Em particular, terá de ser cobrada uma melhora conjunta de desempenho, não só dos alunos, como também dos professores. A ideia de que temos de passar da fase de mais educação (entendida como o aumento do percentual de crianças na escola) para uma educação de melhor qualidade. Para isso, conjuntamente com o aprimoramento dos sistemas de avaliação será importante desenvolver mecanismos de estímulo à melhoria do desempenho dos professores, vinculados ao aprendizado e as notas dos alunos. A proliferação dessa cultura de incentivos tem o potencial de constituir uma verdadeira revolução no campo da educação brasileira. Nessa caminhada, haverá resistências a serem vencidas, mas será necessário enfrentá-las, para que a educação da geração dos nossos filhos e netos seja melhor que a que o país teve nas últimas décadas (VELOSO, PESSÔA, HENRIQUES, GIAMBIAGI, 2009, p. XVII). ”

Assim a importância desta pesquisa está em ampliar os estudos em superdotação, área com ainda reduzida produção acadêmica no Brasil, como também conhecer os contornos da superdotação com especificidades em segmentos jovens mais carentes. A sobreposição destas características, superdotação e pertencer as camadas populares mais carentes, circunscreve estes jovens em um contexto de exclusão. Exclusão porque os segmentos de jovens carentes são os mais vulneráveis e sujeitos à violência e à própria defasagem estabelecida pelas situações de pobreza, (na alimentação, na informação, na diminuição significativa de estudo, na instrução etc.). Exclusão porque dar atenção aos jovens com altas habilidades tem ainda em nosso meio uma concepção de algo totalmente dispensável, sendo assim pouco compreendido e conseqüentemente recebendo menos atenção.

Refletindo que a importância do atendimento especial aos alunos superdotados do ponto de vista das necessidades educacionais se justifica sob três pontos: primeiro, da mesma forma que se justificam diferenciações para crianças com deficiências físicas ou mentais, com problemas específicos de aprendizagem, entre outros. Depois, do ponto de vista da justiça social, justifica-se dentro da lógica da equidade, ou seja, para alunos diferentes é justo que o atendimento seja diferente. Finalmente, do ponto de vista econômico e político, justifica-se a partir das exigências que a modernidade impõe sobre países que querem atingir níveis elevados de desenvolvimento tecnológico, científico,

social etc.

Alencar (1986 apud MAIA-PINTO; FLEITH, 2002) alerta para o fato de que o número de alunos superdotados que são indicados para programas especiais é muito pequeno, que a maior parte desse público tem permanecido nas salas de aulas regulares, com pouca oportunidade para desenvolverem seu potencial e que isso representa uma enorme perda para o país. Refletindo sobre este quadro, constata-se que iniciativas que visam preencher a lacuna de atendimento especializado para crianças e jovens superdotados provenientes das camadas populares são de extrema importância. Sendo assim, seria de se esperar que as políticas públicas de educação se preocupassem em construir estratégias para identificação e atendimento a esses alunos dentro das escolas; no entanto constatamos no decorrer do estudo que estas ainda são incipientes.

Refazer o caminho percorrido pelos superdotados do programa Estrela Dalva, através de seus relatos, permitiu buscar aspectos de importância nos momentos de vida desses sujeitos e, principalmente, que determinantes se tornaram significativos, seja nas mudanças operadas nas vidas desses jovens, seja nos aspectos de pouco sucesso ou mesmo fracasso de incursões variadas de vivências em relação a si mesmo, aos processos escolares, cognitivos, interpessoais, sociais, emocionais e as suas futuras escolhas. É uma forma de compreender as peculiaridades que envolvem a trajetória do aluno superdotado que foi identificado, reconhecido, atendido em um programa adequado e aprovado em uma escola de excelência.

Contudo cabe ressaltar que a superdotação, a carência, as situações individuais e sociais desses sujeitos estão apoiadas em dimensões significativas de campos que se configuram em determinadas realidades.

Assim, refletir sobre a trajetórias desses jovens implica pensá-los em um contexto onde as políticas públicas, as realidades das escolas, a existência de diferentes segmentos jovens na população brasileira e a própria compreensão do que é superdotação se veem diretamente imbricados.

1.2. POR QUE ESTUDAR SUPERDOTAÇÃO?

Antes de se ater sobre o conceito de superdotação é importante fazer uma leitura sobre os mais recentes conceitos de inteligência. A inteligência ao longo da história tem sido vista de diferentes maneiras. De forma mais abrangente a inteligência é citada como a capacidade única de um indivíduo para solucionar problemas se adaptando a diferentes contextos. No passado, o estudo da inteligência desenvolveu-se a partir do interesse em se avaliar e nas possibilidades de se mensurar esta capacidade do ser humano. A partir da década de 80 os conceitos de que a inteligência poderia estar dividida por áreas ou capacidades distintas passou a ser mais aceito e os estudos e as teorias de psicólogos como Howard Gardner (2000), Daniel Goleman (1995) e Robert Sternberg (2003) ganharam importância e reconhecimento.

Segundo Sabatella (2008), atualmente existe um consenso maior do que a habilidade de pensar e raciocinar que nos distingue de outros animais e nos torna especiais; para ela uma das definições mais aceitas atualmente é que a inteligência, quando expressa em habilidades cognitivas ou, então, por capacidades acadêmicas específicas é resultante da interação entre fatores hereditários e adquiridos. Uma grande evolução nesta área pode-se dedicar a Piaget que focou grande parte de sua pesquisa e estudos na inteligência. Ele ressaltou que mais do que o resultado dos testes é importante se ater ao caminho A inteligência ao longo da história tem sido vista de diferentes maneiras. De forma mais abrangente a inteligência é citada como a capacidade única de um indivíduo para solucionar problemas se adaptando a diferentes contextos. No passado, o estudo da inteligência desenvolveu-se a partir do interesse em se avaliar e nas possibilidades de se mensurar esta capacidade do ser humano. Hoje fala-se bastante na inteligência dividida por áreas ou capacidades distintas.

Na década de 80, os avanços podem ser atribuídos, entre outros, aos psicólogos americanos Howard Gardner e Robert Sternberg, que criaram uma nova forma de entendermos a inteligência.

Gardner propõe oito tipos básicos de inteligência. Resumidamente as áreas propostas por Gardner (2000) para as oito inteligências e as suas aplicações são: Inteligência Linguística (observada em escritores); Inteligência Lógico-Matemática (presente nos físicos e engenheiros); Inteligência Espacial (comum em engenheiros e arquitetos); Inteligência Musical (usual em compositores e maestros); Inteligência Interpessoal (frequente nos políticos e nos religiosos); Inteligência Intrapessoal (habitual nos psicanalistas); Inteligência Corporal-Cinestésica (unânime nos atletas e bailarinos) e Inteligência Naturalista, que foi acrescentada posteriormente à partir de estudos mais recentes e frequentemente é encontrada nos ambientalistas, biólogos e ecologistas.

Para Gardner, crianças superdotadas nascem com alto nível de inteligência de padrão cru em uma ou mais das inteligências por ele identificadas. Ele considera que a inteligência é um conjunto de habilidades e talentos que permitem à pessoa resolver problemas que são consequência de um ambiente cultural próprio, afirmando que os superdotados não constituem um grupo homogêneo de pessoas, mas altamente heterogêneo, devido à variedade de áreas em que podem ser superiores, e não havendo, portanto somente um perfil de pessoa superdotada, pois as inteligências se relacionam entre si.

Segundo Robert Sternberg (2003), a inteligência seria o recurso utilizado pelo indivíduo para conciliar, por um lado, seus pensamentos e atitudes de forma adequada, com as necessidades internas e as questões do meio ambiente, por outro lado. O autor ressalta três processos observáveis no comportamento inteligente que seriam: Inteligência Analítica (capacidade de processar informações); Inteligência Criativa (capacidade de se relacionar com a experiência individual); e Inteligência Prática (capacidade de se relacionar com o meio ambiente). Ele propõe que a superdotação pode ser avaliada em termos analíticos, através da resolução de problemas e tomada de decisões; em termos criativos, pela capacidade de lidar com a novidade e automatizar o processamento da informação; e em termos práticos, por meio da adaptação bem-sucedida ao mundo real. Para Sternberg (2003), superdotação envolve também habilidade e atitudes. As habilidades levam a desenvolver competências e conhecimentos. As atitudes dizem respeito à como se

emprega as habilidades. Alguém que tem as habilidades, mas não as atitudes, irá falhar para implantar as habilidades. Alguém que tem as atitudes, mas não as habilidades, vai deixar de implementar as habilidades com sucesso.

Outra definição de superdotação é a proposta por Renzulli e Reis (1985, 1997 apud CHAGAS, 2007, p.18) a partir do Modelo dos Três Anéis. Tal modelo propõe que a alta habilidade é o conjunto de três fatores. O primeiro é a habilidade acima da média se comparada a outras pessoas e que pode ser verificada de modo objetivo. O segundo fator é a grande capacidade de envolvimento com determinada tarefa. Enquanto o terceiro revela comportamentos visíveis, por intermédio da demonstração de traços criativos no fazer e no pensar, expressos em diferentes linguagens e o alto grau de criatividade no desenvolvimento de soluções de problemas. De acordo com Renzulli é na interação dinâmica entre estes três fatores que se revelam os indivíduos superdotados. Ele chama atenção também para o fato de estarem presentes em algumas pessoas apenas em certos momentos e sob determinadas circunstâncias, ou seja, não é algo generalizado tanto em termos de habilidade, quanto em relação à presença temporal.

Por outro lado o “Modelo Diferenciado de Superdotação e Talento” (Gagné, 2004) concebe a superdotação como a existência de habilidades naturais, aptidões herdadas geneticamente, que se expressam de forma espontânea em algum domínio da atividade humana. Ele propõe um modelo de desenvolvimento do talento que se baseia na transformação de habilidades inatas excepcionais em competências sistematicamente treinadas e desenvolvidas. Estas habilidades determinam a excelência ou talentos superiores, numa determinada área de realização.

Segundo Winner (1998), as crianças com superdotação “foram temidas como possuídas, porque sabem e entendem coisas demais, cedo demais. Assim como as crianças com retardo, as crianças superdotadas têm sido temidas como estranhas, esquisitas, excêntricas” (WINNER, 1998, p.11). Para ela, na infância a superdotação é mais frequentemente observada e estudada em duas áreas: as acadêmicas, linguagem e matemática e nas duas áreas artísticas, artes visuais e música.

Outro aspecto que deve ser levado em conta são os mitos e crenças que circundam o conceito de superdotação. Muitos desses mitos advêm de imagens e preconceitos que foram construídos ao longo do tempo e também da pouca informação que grande parte da sociedade brasileira possui. Ideias como “superdotação é caso raro”, “superdotação é sinal de genialidade” ou “toda criança superdotada será um adulto eminente”, são ideias errôneas que acabam por dificultar a identificação e a comprometer uma política de atendimento mais eficaz.

Winner (1998) define mito como “suposição fortemente mantida”(p.14) . Em seu livro “Crianças superdotadas – Mitos e Realidades” ela propõe refletir sobre alguns mitos muito conhecidos. Outros autores também se referiram aos mitos que circundam a respeito do conceito superdotação. Entre estes mitos podemos citar:

- **O indivíduo superdotado destaca-se em todas as áreas do currículo escolar.**

Segundo Winner (1998), este mito perpassa a ideia que todo individuo superdotado possui uma capacidade intelectual geral que o levaria a ser brilhante e a se destacar em todas as áreas. A razão que vai contra este mito, amplamente divulgada pela literatura da área, é a de que a superdotação em uma determinada área não implica necessariamente em uma superdotação em todas as outras áreas de desenvolvimento. Sendo até possível encontrar superdotados com alguma ou algumas áreas de talento extremo e outras abaixo do nível de desenvolvimento dos seus pares.

- **Crianças superdotadas seriam produtos de pais condutores.**

Esta crença supõe que as crianças superdotadas seriam resultado de pais extremamente zelosos dedicados ao sucesso e estrelato dos filhos. De fato, existe um grupo de pais de superdotados que demonstram um grande interesse em potencializar os dons de seus filhos. Winner (1998) considera que este investimento e envolvimento não seria prejudicial. A autora considera que este empenho dos pais é uma força necessária para que o dom de uma criança seja desenvolvido. O fato dos pais se dedicarem de forma tão extrema não significa que criem a superdotação nos filhos. De forma geral o dom se manifesta em primeiro lugar.

- **Todo indivíduo superdotado tem um QI elevado.**

Esse mito traz uma crença que todo indivíduo superdotado deve apresentar um QI (quociente intelectual) acima da média, independente da área de talento identificada. Essa crença não condiz com a realidade, uma vez que é possível encontrar pessoas extremamente superdotadas nas áreas das artes, da música, do esporte e que não, necessariamente, apresentam um QI elevado. Também podemos citar casos de crianças que fazem parte do espectro autista ou os *idiots savants*, como Winner os define, que apresentam QIs na extensão do retardo e apresentam também habilidades excepcionais em domínios específicos. É conhecido que os testes de QI mensuram apenas algumas habilidades, como as ligadas à área lógico matemática e às da área linguística.

- **A superdotação é inata ou é produto do ambiente social.**

Esta ideia envolve duas concepções que, quando separadas, são consideradas errôneas. Guenther (2006) e também Winner(1998) abordaram a questão advinda com este mito. Superdotação relacionada à genética e vista como inata ao indivíduo, passando a ideia de que ao nascer a criança estaria determinada a apresentar superdotação ou não. Superdotação relacionada somente aos estímulos que o indivíduo receba do meio ambiente e da influência social também não pode ser considerada uma verdade. A ideia de que a criança poderá ser treinada por pais ou professores é uma ideia errônea. Para que a criança possa apresentar um talento extraordinário em alguma área somente o treinamento não a levará a isso. O conceito mais aceito na atualidade é o de que o talento e a habilidade podem existir em certo grau no indivíduo, mas somente se desenvolverá com esforço, treino e motivação.

- **O indivíduo superdotado é psicologicamente bem ajustado.**

Por este mito entendemos que todos superdotados seriam bem relacionados socialmente, populares entre seus pares, bem ajustados com saúde física e psicológica. De

fato, muitas vezes não é isso que acontece e alguns autores como Novaes (1979) chamam atenção ao fato de que estas crianças podem ser emocionalmente instáveis pelo fato de não se sentirem ajustadas e por não poderem ser quem realmente são, na tentativa de se igualarem aos seus pares de idade e de grupos sociais. Alencar (2007) cita perfeccionismo excessivo, assincronia, hipersensibilidade como fatores que contribuiriam para estes desajustes.

- **Crianças superdotadas se tornam adultos eminentes.**

A crença de que todo superdotado se tornará um adulto eminente com uma vida de sucesso, prestígio e felicidade também não se confirma. Winner afirma que muitas crianças superdotadas em especial as prodígios, acabam por não obter sucesso e outras acabam a se dedicar a outras áreas de interesse. Guenther e Freeman (2000) destacam que a dotação é algo que o indivíduo traz em potencial quando nasce, mas, para ser desenvolvida, deve ser trabalhada ao longo de sua trajetória, a partir das interações deste indivíduo com seu ambiente físico, psicológico e social.

- **As pessoas com altas habilidades provêm de classes socioeconômicas privilegiadas.**

Esse mito é outra crença que não se confirma. A OMS (organização Mundial de Saúde) deixa claro que entre 3 a 5% da população apresenta supedotação em diversos contextos sociais. Famílias mais abastadas possuem condições de criar ambientes com mais estímulos, o que é a causa provável desse mito, mas o fato é que é possível, mesmo nas classes menos privilegiadas, encontrar crianças brilhantes em alguma área de inteligência O que não podemos esquecer é que quanto mais cedo esta criança for estimulada, mais cedo terá seus talentos desenvolvidos.

- **Não se deve identificar pessoas com altas habilidades.**

Esse mito nos deixa a ideia de que não deveríamos identificar os indivíduos superdotados; no entanto, se não os identificarmos, eles não terão suas necessidades

atendidas, além de não se desenvolverem, muitas vezes, acabam por se tornar um problema para a família e a escola.

- **As pessoas com altas habilidades não precisam de atendimento educacional especial.**

Essa é outra crença errônea, já que diversos estudiosos da área (FREEMAN & GUENYHER, 2000; GAMA, 2006; MAIA--PINTO & FLEITH, 2002) deixam claro que estas crianças e jovens precisam ter seus talentos desenvolvidos o mais cedo possível para que não sejam desperdiçados e para que possam não só ser atendidas em suas necessidades e interesses como também possam contribuir para o bem comum e para o desenvolvimento do entorno onde vivem.

De acordo com Perez (2003), grande parte das dificuldades que enfrentam as crianças superdotadas para serem reconhecidos e atendidos, na nossa sociedade, resultam desses mitos que criam uma falsa imagem deles. Como afirmam também Guenther e Freeman (2000), dotação é algo que o indivíduo traz em potencial quando nasce, mas, para ser desenvolvida, deve ser trabalhada ao longo da vida, a partir das interações do indivíduo com seu ambiente físico, psicológico e social. Ou seja, apenas a dotação e o talento, por si sós, não garantem o desenvolvimento pleno de uma superdotação.

Percebe-se, tanto na definição proposta por Winner quanto nos fatores apresentados por Renzulli e Reis, Gardner, Sternberg, Gagné, Guenther e Freeman, que a superdotação não é um conceito fechado. A conceituação de superdotação de forma geral se dá através de um conjunto de características e realizações, complexas e temporais, considerando fatores internos e externos que influenciam no processo de desenvolvimento do talento.

1.3- POLÍTICAS PÚBLICAS

A legislação nacional com vistas ao atendimento educacional de alunos com altas habilidades ou superdotação tem feito avanços nos últimos anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 (Lei 5692/71) foi a primeira a distinguir os alunos superdotados do genérico termo “excepcionais”, utilizado na LDBEN, de 1961, para caracterizar os alunos com necessidades educacionais especiais, e a determinar que eles (assim como os que apresentassem deficiências físicas ou mentais) deveriam ser alvo de “tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação” (BRASIL, 1971).

Delou (2006) analisa que avanços na legislação foram notadamente destacados a partir da última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. º 9394/96). A categoria desses alunos, ligada a um grupo maior de estudantes com necessidades específicas e acompanhada pela Educação Especial, foi favorecida por avanços nítidos. Os avanços os quais nos referimos foram expressos pelo reconhecimento da presença desse público na rede de ensino, posteriormente pela organização de serviços educacionais especializados que pudessem oferecer subsídios específicos para suas necessidades e por fim, pela regulação do processo de aceleração, para os educandos que se achavam matriculados na educação básica e no ensino superior, com vistas ao cumprimento de escolaridade em menos tempo. Apesar da descontinuidade de muitas das ações propostas, é preciso admitir que existem esforços para que, pelo menos no campo da legislação, esses alunos tenham seus direitos garantidos e que possuam a possibilidade de serem beneficiados por um atendimento especializado que atenda a suas especificidades.

Recentemente mais um importante avanço foi dado na educação dos alunos alto habilidosos/superdotados (AH/SD): trata-se da Lei 13.234 de 29 de dezembro de 2015 que foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff e dispõe sobre a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seus artigos 9, IV e 59-A.

A lei serve de instrumento legal para identificação, cadastro e atendimento especializado daqueles alunos AH/SD, seja na educação básica e superior. Tal dispositivo,

chega agora somando forças para que os alunos superdotados de todas as escolas, públicas ou privadas, sejam devidamente identificados e cadastrados em banco de dados do governo e, dessa forma, possam receber o atendimento educacional especializado que tanto merecem. Já no campo da ação, no Brasil, ainda hoje, o sistema de ensino regular pouco oferece aos alunos reconhecidos como superdotados. Mesmo em instituições privadas raramente encontramos algum programa voltado para essas crianças. No âmbito público diante de inúmeras demandas dos alunos regulares e das necessidades dos alunos especiais, frequentemente a criança superdotada é esquecida ou ignorada. Ressalta-se, no entanto, algumas redes de ensino que trabalham com salas de recursos e a implantação dos NAAHS (Núcleo de Atividade de Altas Habilidades/Superdotação) implementados pelo MEC em parceria com a UNESCO a partir de 2005 em alguns estados brasileiros. Como a OMS (Organização Mundial da Saúde) estima que de 3% a 5% da população mundial pode ser chamada de “superdotados”, ainda é imenso o número de crianças superdotadas que necessita ter suas necessidades e interesses atendidos. Diante disso programas como o Programa Estrela Dalva são de suma importância, para preencher essa lacuna.

1.4- O JOVEM HOJE

Falar de jovem e juventude no Brasil implica abarcar não somente um segmento, mas uma grande diversidade de situações e realidades dentro do contexto sócio histórico brasileiro. Buscando circunscrever aspectos da realidade optou-se por focalizar aqui alguns aspectos relativos ao que se entende por jovem hoje.

A ONU (Organização das Nações Unidas) indica como juventude as idades de 15 a 24 anos, mas admite que cada país pode adotar uma faixa jovem distinta. De acordo com a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Juventude aprovada pelo Congresso em setembro de 2010, é jovem no Brasil todo o cidadão que compreende a idade entre 15 e 29 anos. Essa emenda constitucional coloca o jovem entre as prioridades do Estado em direitos como saúde, alimentação, educação, lazer, profissionalização e cultura. Por outro lado, o ECA (Estatuto da Criança e da adolescência), instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de

julho de 1990 regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes inspirado pelas diretrizes fornecidas pela Constituição Federal de 1988. Para o ECA é entendido como criança a pessoa com idade inferior a doze anos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Pode-se perceber que existe uma superposição para os jovens entre 15 aos 18 anos nesses dois documentos. Em tramitação ainda o Estatuto da Juventude, projeto de Lei 4529/4 prevê que serão definidas como jovens pessoas entre 15 e 29 anos, o que compreende por volta de 20% da população brasileira.

Conceitualmente é possível definir juventude como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Começando nas primeiras mudanças físicas da puberdade e finalizando, em tese, pelo momento em que adquire independência financeira, colocação no mundo do trabalho e responsabilidade pela própria vida. Pode-se dizer que é nesse período que se define a pessoa.

Pode-se também caracterizar a juventude como uma fase da vida onde há uma certa instabilidade em todas as áreas. As emoções costumam ser vividas de forma intensa. O corpo se modifica, gerando inseguranças onde antes havia algumas certezas, a angústia da passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e mais ainda, da escolha de uma carreira ou ocupação e da entrada no curso superior ou no mercado de trabalho leva o jovem a sair da sua zona de conforto. É certo dizer, então, que em determinado momento da vida, o jovem passa a ser resultado das ações e emoções vividas por suas escolhas próprias. As escolhas antes determinadas por seus responsáveis caem em seu colo e ele, muitas vezes, se sente perdido e paralisado nas suas ações. Se recebeu uma educação menos tradicional, mais participativa e viveu em um ambiente que lhe possibilitou o desenvolvimento do pensamento crítico e a assumir as consequências decorrentes de suas próprias escolhas, torna-se mais fácil lidar com essa nova fase, mas, se ao contrário, viveu cercado por excesso de cuidados ou por uma educação onde não lhe eram oferecidas situações em que fosse possível praticar a autonomia e o poder de escolha, muito provavelmente, sua passagem para o mundo adulto será mais sentida em diferentes aspectos.

Hoje encontramos o jovem buscando espaços de ocupação de forma a confirmar sua própria existência, seu autodesenvolvimento e a constituição de sua identidade. Para Welti apud Lehmann (2006) a construção da significação do jovem no mundo sofre influências em quatro aspectos: a família, a escola, a mídia e seus pares. Em grande parte das pesquisas a respeito de jovens existe a tendência a focar em contextos como se eles não tivessem sido gerados e criados pela própria sociedade. Quando procura-se analisar suas trajetórias de vida, percebe-se como as situações geradas são frutos de influências diretas do mundo que os adultos têm constituído para eles. (LEHMANN, 2006).

Também nos dias de hoje, não podemos deixar de ressaltar que temos uma juventude ligada na era da informação. Em livro recente Gardner e Davis (2013), descrevem a geração atual como a “Geração APP”. Uma geração diferente das gerações antigas. Os autores estão preocupados em três áreas vitais da saúde do jovem: identidade, intimidade e imaginação. Na pesquisa eles afirmam que existem vantagens e desvantagens nessa nova maneira de se relacionar com o mundo. Segundo os autores da mesma forma que isso pode dificultar seu desenvolvimento social, pessoal e suas capacidades criadoras isso também pode promover avanços nas mesmas áreas. Na verdade, o jovem precisa ser instigado a ir além das formas em que os aplicativos são projetados para serem usados. Os autores concluem que os aplicativos podem ser usados como impulso para aspirações mais elevadas e para um maior desenvolvimento da criatividade, fortalecendo este jovem na entrada no mundo adulto.

Importante ressaltar o papel da escola nesse período do jovem porque é na escola que ele encontra seus pares, seus grupos de identificação e onde vai exercer sua autonomia e pensamento crítico sobre suas ações, assumindo decisões e consequências desse agir.

No paralelo de algumas destas características dos segmentos jovens pode-se acrescentar ainda o jovem superdotado, que se constitui objeto de interesse principal neste trabalho.

1.5. O JOVEM SUPERDOTADO

A escola é estruturada para atender aos alunos ditos normais que se encaixam nos padrões preestabelecidos. Ela se volta também para recuperar aqueles que estão abaixo da média, mas pouco faz para atender os que se encontram acima da média. Segundo Maia-Pinto e Fleith (2004), ao contrário do que acontece com alunos que apresentam rendimento escolar abaixo da média, os quais são rapidamente identificados e desfrutam da concepção amplamente divulgada no ambiente escolar, são oferecidas poucas oportunidades para os alunos que se destacam por suas potencialidades desenvolverem suas habilidades. Voltando a estimativa que leva em conta que superdotação está distribuída por toda a população, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 3 a 5% da população geral são superdotados, independentemente do nível econômico. Percebe-se que a diferença no desempenho individual decorre também dos estímulos recebidos.

O jovem brasileiro das camadas populares na maioria das vezes tem suas trajetórias afetadas pelas questões econômicas e pelos fatores sociais no entorno onde vive. Espósito (1992) descreve:

“No Brasil, o quadro configurado para a população jovem e pobre revela que esta é a parcela mais rapidamente atingida pela recessão e ausência de desenvolvimento social. De um lado, observa-se um certo "envelhecimento populacional", pois a presença da faixa etária de 0 a 19 anos tende a diminuir, ainda que discretamente, nos últimos anos, no conjunto da população. De outro, a maior concentração de extratos de crianças e jovens localiza-se nos setores desprivilegiados.” (P.47)

No caso das crianças superdotadas em setores desprivilegiados da população a ausência de atendimento específico, aumenta a possibilidade de perderem a capacidade de atuar de forma superior e acabam tendo seus talentos desperdiçados. Nesse sentido, Cupertino (2008) salienta que a educação desses alunos não pode ser deixada ao acaso, uma vez que deve ser condizente com suas características, além de exigir sistematização e coerência. “Sem estímulo, essa pessoa pode desprezar seu potencial elevado e apresentar frustração e inadequação ao meio” (CUPERTINO, 2008, p. 13).

Os jovens talentosos das camadas populares que não tiveram seus talentos reconhecidos pela escola ou pela família acabam sofrendo uma dupla exclusão. A exclusão social, quando não têm acesso a um ensino de qualidade e quando são excluídos na sua especificação, isto é, não são percebidos como superdotados, não têm seus talentos reconhecidos, seus interesses respeitados e suas necessidades atendidas. Na vida real sabe-se que a limitação do ponto de vista material, de condições da qualidade de vida e do acesso à cultura dificulta o desenvolvimento do indivíduo em diferentes aspectos. O desenvolvimento das habilidades e talentos é comprometido pela barreira imposta pela dificuldade socioeconômica a que são submetidos estes jovens. Ambrose (2002) ainda acrescenta que este quadro é permeado por questões ideológicas e políticas que acabam por manter este *status quo*. Guenther (2000) salienta que muitas das deficiências e distorções neurológicas, com suas repercussões no desenvolvimento da criança, encontradas com frequência na população pobre, são resultados de intervenção de variáveis ambientais que dificultaram ou impediram o desenvolvimento harmonioso do plano genético. É o caso das deficiências nutricionais nas crianças em seus primeiros anos de vida. Em diferentes situações por suas características próprias, por suas demandas diferenciadas e por parte de professores mal preparados e de uma escola que ainda não enxerga o aluno superdotado, o jovem acaba excluído do sistema escolar. Ao sair do sistema educacional o jovem superdotado tem seu talento transformado em risco pessoal e social, sendo, muitas vezes, seduzido por outros desafios que podem levá-lo à marginalidade.

Segundo Gama (2006) um caminho para a diminuição da desigualdade pode ser conseguido através do reconhecimento dos talentos dos jovens de baixa renda. Quando identificados e trabalhados esses talentos pessoais podem ser transformados em oportunidades de desenvolvimento profissional e de inserção social.

No Brasil, atualmente, existem alguns programas que procuram atender este público em específico. Um programa que funciona há 18 anos é o do Instituto Social para Motivar e Apoiar Talentos (ISMART). A atuação do ISMART está pautada na convicção de que jovens talentosos podem ser encontrados em todas as camadas da população,

independentemente de faixa de renda, origem étnica ou social. O Ismart apoia jovens talentos de baixa renda por meio da concessão de bolsas de estudo e acesso a programas de desenvolvimento e orientação profissional. A partir do acesso à educação de qualidade, estes jovens podem sonhar mais alto e atingir o sucesso profissional. Funciona em São Paulo, Cotia, São José dos Campos e Rio de Janeiro.

No Rio de Janeiro existem mais duas instituições sociais que se preocupam em oferecer aos jovens talentosos das camadas populares oportunidades de reconhecer e desenvolver suas habilidades e talentos. Uma delas é o Instituto Rogerio Steinberg (IRS) que funciona no bairro do Jardim Botânico, uma organização sem fins lucrativos que atua na identificação e desenvolvimento de crianças e jovens com Altas Habilidades ou Superdotação, socialmente vulneráveis. Com a missão de despertar e desenvolver talentos, o IRS executa atividades de educação complementar (culturais e educacionais) através de dois programas independentes e complementares, Despertando Talentos e Desenvolvendo Talentos. A outra instituição é o Instituto Lecca (ILECCA) que funciona na Lapa, próximo ao Centro da cidade do Rio de Janeiro, e que, através do Programa Estrela Dalva, seleciona crianças e jovens superdotados nas escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro e lhes oferece um programa de atendimento visando o aproveitamento e aprimoramento de seus talentos. Como os sujeitos do estudo são alunos egressos deste programa de atendimento, ele será explicado mais detalhadamente a seguir.

1.6 O PROGRAMA ESTRELA DALVA

Para o entendimento de quem foram os sujeitos da pesquisa pretendida, é preciso conhecer o programa social do qual são egressos. O Programa Estrela Dalva, com 10 (dez) anos de existência, é fruto de uma parceria da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e do Instituto Lecca. O instituto é uma organização não governamental que investe em educação, visando a melhoria da qualidade de vida de comunidades carentes, contando com o apoio financeiro de pessoas físicas e jurídicas comprometidas com este projeto social. Sua equipe é formada por profissionais experientes e com formação na área de educação para superdotados. Entre os profissionais que atuam estão pedagogos,

psicopedagogos, psicólogos e professores. Existe também uma formação continuada em serviço, através de supervisões e estudos constantes. A missão do Programa Estrela Dalva é propiciar a alunos intelectualmente superdotados e economicamente carentes, uma educação escolar e extracurricular que permita que atinjam os níveis mais altos de especialização condizentes com seu potencial e se tornem adultos, moral, cognitiva e culturalmente capazes de participar como verdadeiros cidadãos, de forma produtiva, na vida de suas comunidades e do país. O Programa Estrela Dalva, portanto, se caracteriza pelo atendimento exclusivo à população de baixa renda. Os critérios para a seleção de alunos para o Programa Estrela Dalva são: comprovada superdotação acadêmica, baixo poder aquisitivo da família, ser morador (a) do Município do Rio de Janeiro.

1.6.1 A seleção de alunos

Anualmente, o programa avalia cerca de 2.500 a 3.000 alunos das escolas municipais que fazem parte da 1ª, 2ª, 3ª e da 4ª Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) da cidade do Rio de Janeiro. Um dos critérios para a escolha das escolas é a localização, pois como os alunos deverão frequentar a instituição todos os dias no contra turno da escola, é importante que estas estejam localizadas em regiões com facilidade de transporte público. Nos bairros mais distantes o Programa seleciona em escolas próximas a linha do Metrô. Os alunos são selecionados quando estão cursando o terceiro ano do Ensino fundamental. Os critérios de avaliação utilizados são os seguintes: potencial intelectual (testes psicométricos validados), aptidão acadêmica (provas de conteúdo pedagógico de Português e Matemática) e entrevistas com a criança e com a família. Após a seleção, a cada ano, são formados dois ou três grupos de 12 crianças que serão atendidos pelo programa.

A primeira fase da seleção é composta de um teste psicométrico validado de inteligência lógica, o teste Raven. Os alunos que pontuarem acima do percentil 90 são selecionados para a segunda fase, que consiste em prova de Matemática, prova de Português e Redação. A terceira fase é composta por entrevista com a criança através de um questionário validado e de uma entrevista com a família para colher dados sobre a situação sócio econômica e o interesse dos responsáveis para que a criança participe do

Programa.

1.6.2 O trabalho realizado

O programa tem três vertentes: aceleração acadêmica, enriquecimento curricular e desenvolvimento moral. Todo o trabalho realizado no Instituto Lecca tem um cunho transdisciplinar, ou seja, embora os alunos trabalhem essencialmente com Português, Matemática e Redação, os conteúdos acadêmicos estão imersos na transdisciplinaridade. O que se busca no Programa Estrela Dalva com a transdisciplinaridade é uma nova maneira de visualizar e compreender a natureza, o ser humano e a relação entre os dois. O avanço acelerado do conhecimento dá legitimidade a esta mudança. Dessa forma criam-se pontes entre diferentes disciplinas. Este aspecto vem acontecendo a partir de meados do século XX com a preocupação em se trabalhar conteúdos de forma multidisciplinar ou pluridisciplinar (estudo de um objeto de uma disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo) e também com a ideia da interdisciplinaridade (transferência de métodos de uma disciplina para outra). No entanto, a transdisciplinaridade vai além. Gama (2006) explica que a transdisciplinaridade se refere a aquilo que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das disciplinas e para além das disciplinas.

No primeiro ano do programa, os alunos participam de aulas de cunho acadêmico, numa visão transdisciplinar, (português, redação, matemática, noções de história, geografia e ciências) e de atividades que envolvem raciocínio lógico, literatura, discussão de temas relevantes da atualidade, uso de softwares educativos, visitas frequentes a espaços culturais, como exposições, concertos, museus e casas de ciência.

No segundo ano, o foco também passa a ser a preparação para os concursos discentes das escolas públicas de excelência do Rio de Janeiro: Colégio Federal Pedro II, Colégio Militar e Colégio Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Após ingressarem nessas escolas, os alunos continuam frequentando o programa, em horários mais flexíveis, para realizar suas tarefas escolares, utilizar o laboratório de informática, usufruir da biblioteca, participar de visitas culturais, ter aulas de apoio e participar de oficinas com profissionais especializados ou de eventuais projetos

pedagógicos, também são oferecidas bolsas de estudos integrais em curso de inglês. O programa continua a apoiá-los academicamente e a orientá-los em suas escolhas, assim como a orientar as famílias em seus questionamentos e dúvidas em relação à trajetória de seus filhos.

As atividades desenvolvidas no programa têm como objetivo proporcionar a aceleração de conteúdos escolares, favorecer o pensamento crítico, fomentar o espírito científico, desenvolver o potencial criativo, o enriquecimento cultural e a ampliação de conhecimentos, levando os alunos superdotados de camadas populares a alcançarem formas mais abstratas e complexas de pensamento.

Para alcançar tais níveis de pensamento de forma estruturada e consistente trabalha-se no Instituto com a Taxionomia dos Objetivos Educacionais criada por Bloom em 1956 e revisada em 2001 por um grupo de especialistas facilitando o planejamento de atividades cada vez mais complexas, levando os jovens superdotados a desenvolver habilidades de pensamento produtivas, complexas, abstratas e / ou de nível superior. Sendo assim, a Taxionomia de Bloom é um excelente suporte para integrar temas e ideias facilitando o conhecimento de diferentes sistemas de pensamento.

Em 1948 a Associação Americana de Psicologia (American Psychological Association) partindo do pressuposto de que uma das formas de se organizar um processo é através do conceito de classificação, requisitou que alguns de seus membros se juntassem para discutir, definir e criar a uma taxionomia de objetivos de processos educacionais. Deste estudo surgiu a Taxionomia dos Objetivos Educacionais de Bloom.

Segundo Bloom (1944, 1972), muitas pessoas percebiam que a capacidade humana de aprendizagem difere de uma pessoa para outra, mas por um grande período, pensou-se que o motivo pelo qual uma porcentagem de estudantes obtinha um resultado melhor do que outros estava relacionada às situações e variáveis existentes fora do ambiente educacional e que, nas mesmas condições de aprendizagem, todos aprenderiam com a mesma competência e profundidade o conteúdo. No entanto, Bloom e sua equipe ao direcionarem seus estudos nesta direção descobriram que todos os alunos quando submetidos as mesmas condições de ensino (desconsiderando variáveis externas ao

ambiente) aprendiam, porém em níveis diferentes de profundidade e abstração de conhecimento (BLOOM; HASTIN; MADAUS, 1971). As diferenças deixaram claro que as estratégias empregadas e a organização dos processos de ensino que eram dadas pelos professores interferiam diretamente nos resultados.

Para Conklin (2005) o fato de não haver até a década de 50 um consenso em relação a palavras que usualmente eram usadas quando se tratava de objetivos instrucionais foi o que fez da taxionomia de Bloom um marco. Sua contribuição à área acadêmica teve uma enorme importância. A princípio a ideia era que a taxionomia fosse usada para classificar objetivos de instrução e etapas da avaliação de desempenho dos alunos. A partir disso se estabelecia uma hierarquia, definindo habilidades e competências de forma a auxiliar no planejamento de situações de aprendizagem. Entretanto, a taxionomia foi usada também como uma forma de organizar níveis de pensamento. Segundo o autor a taxionomia de Bloom foi e ainda é uma das maiores contribuições para os educadores que buscam meios de estimular seus alunos a alcançar níveis de aprendizagem numa escala de raciocínio e abstração.

Recentemente a taxionomia criada por Bloom em 1956 foi revisada por um grupo de especialistas (psicólogos, educadores, especialistas em currículos, testes, avaliação etc.) supervisionados por David Krathwohl, estudioso este também que participou do desenvolvimento da Taxionomia original no ano de 1956. O relatório da revisão foi publicado num livro intitulado “A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom’s taxonomy for educational objectives”.

Para Gama (2006) as crianças superdotadas passam mais rapidamente pelos três primeiros níveis da taxionomia, principalmente nas áreas de maior habilidade e precisam ser desafiadas por atividades que as levem aos níveis mais elevados da taxionomia. A autora explica também que as atividades dos níveis inferiores podem ser tornar mais eficazes quando planejadas para o grupo todo, por outro lado as atividades dos níveis mais elevados alcançaram melhores resultados quando planejadas de forma individualizada respeitando os interesses as características dos alunos superdotados. Um

currículo para alunos superdotados deve levá-los a trabalhar sempre nos níveis mais altos da Taxionomia de Bloom.



Figura 1 Taxionomia de Bloom 1956

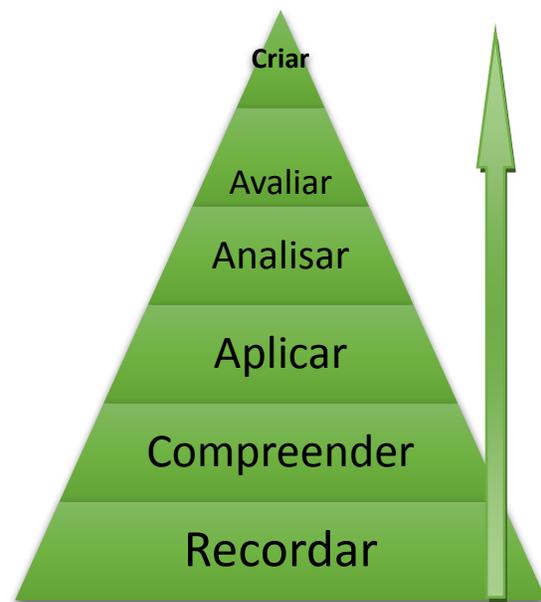


Figura 2 Taxionomia de Bloom 2001

O programa Estrela Dalva também se orienta através dos princípios de Passow. Harry Passow foi um dos primeiros educadores a estudar as necessidades de crianças superdotadas e um dos primeiros a ver as necessidades de crianças que viviam em áreas urbanas de pobreza. O comitê curricular do Instituto de Treinamento de Liderança (PASSOW, 1982) desenvolveu sete princípios orientadores para a diferenciação curricular:

- O conteúdo dos currículos para os estudantes superdotados deve se concentrar e ser organizado para incluir um estudo mais elaborado, complexo e aprofundado das principais ideias, problemas e temas que integram o conhecimento de diferentes sistemas de pensamento.
- Os currículos para estudantes superdotados devem permitir o desenvolvimento e a aplicação de habilidades de pensamento produtivo para permitir que os alunos reconceitualizem o conhecimento existente ou gerem novos conhecimentos.

- Os currículos para alunos superdotados devem permitir que eles explorem as constantes mudanças do conhecimento e informações e o desenvolvimento da atitude de apreciação da busca de conhecimento em um mundo aberto.
- Os currículos para alunos superdotados devem incentivar a exposição, seleção e uso de recursos e fontes apropriadas e especializadas.
- Os currículos para estudantes superdotados devem promover a aprendizagem e o crescimento auto iniciados e autodirigidos.
- Os currículos para alunos superdotados devem prover o desenvolvimento do autoconhecimento e a compreensão da interação com pessoas, instituições sociais, natureza e cultura.
- As avaliações dos currículos para estudantes superdotados devem ser conduzidas de acordo com os princípios previamente estabelecidos, enfatizando habilidades de pensamento de nível superior, criatividade e excelência em desempenho e produtos.

O Programa Estrela Dalva acredita que desenvolver um currículo que seja suficientemente rigoroso, desafiador e coerente para estudantes que são superdotados é uma tarefa desafiadora. Os resultados alcançados demonstram que os objetivos do programa vêm sendo atingidos. O currículo apropriadamente diferenciado produz estudantes bem preparados, experientes, com conhecimentos sólidos e com a habilidades de pensar de forma clara e crítica sobre seu próprio processo de pensar, habilidade esta conhecida como metacognição.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Elaborar um guia de orientação para programas com jovens superdotados. Os dados construídos e analisados na pesquisa serviram de base para compor o guia que visa atingir profissionais interessados na temática.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1- Identificar e analisar os dados referentes às impressões dos jovens egressos do Programa Estrela Dalva e da pesquisa a respeito de suas trajetórias de vida e aprendizagem;

2- Estabelecer, a partir de estudos com egressos, aspectos que foram significativos do ponto de vista positivo e negativo de um programa para superdotados visando estabelecer parâmetros para seu aperfeiçoamento

3- Analisar as possíveis mudanças ocorridas na vida do aluno a partir da identificação de sua dotação;

4- Mapear situação de vida dos alunos no momento da pesquisa
(Situação atual dos alunos);

5- Identificar pontos significativos desencadeadores de mudanças a partir do atendimento especializado;

6- Analisar dados obtidos com vistas a criar parâmetros para trabalhos futuros.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 SUJEITOS

Os grupos definidos para o presente projeto de pesquisa são formados por alunos egressos do Programa Estrela Dalva, selecionados em 2008 e 2009 em escolas municipais e que, atualmente, cursam a 3ª série do ensino médio em uma escola de excelência da cidade do Rio de Janeiro ou estão iniciando a vida universitária. Ao serem selecionados para o Programa Estrela Dalva os alunos passaram a fazer parte de dois grupos compostos por 12 alunos. Portanto nosso n=24. O Programa Estrela Dalva identifica seus grupos por nomes de constelações e estrelas. Os grupos estudados foram denominados Colômbia e Denébola, foram escolhidos estes sujeitos por já estarem finalizando a trajetória escolar e se preparando para a entrada na vida universitária.

MÉTODOS

A metodologia proposta para a pesquisa foi composta de consulta à fonte de dados da instituição, questionário, grupo focal e entrevista. Teve uma abordagem quantitativa e qualitativa.

Etapas da Pesquisa: A pesquisa bibliográfica foi elemento metodológico importante e foi realizada simultaneamente com a pesquisa de campo durante todo estudo. Desta forma pretendeu-se estabelecer uma cadeia de evidências que permitiu legitimar o estudo desde a questão inicial até a conclusão final.

A consulta ao banco de dados da instituição orientou os sujeitos escolhidos para o estudo. Buscou-se a compreensão de fenômenos individuais e sociais, como uma tática de pesquisa aplicada a uma investigação de um fenômeno, de forma delimitada em seu contexto real, com a preocupação de não averiguar somente o caso em si, como algo à parte, mas o que ele reflete dentro do todo.

Para Yin (2005), o Estudo de Caso, que pode conter um grupo, é uma importante estratégia metodológica para a pesquisa em ciências humanas, pois permite ao

investigador um aprofundamento em relação ao fenômeno estudado, revelando nuances difíceis de serem enxergadas a “olho nu”. Segundo sua concepção de estudo de caso, é possível estabelecer relações com as abordagens dos teóricos e pesquisadores a respeito do tema envolvido na pesquisa, permitindo uma melhor compreensão do fenômeno na população escolhida.

Na construção da base de dados foram utilizados questionários, um grupo focal e uma entrevista como instrumentos de pesquisa que favoreceram a expressão de indicativos das singularidades dos nossos sujeitos em suas narrativas. Estes diversos recursos e os dados coletados através de todos os instrumentos foram analisados com objetivo de traçar estratégias que buscam abordar a complexidade do fenômeno.

4. RESULTADOS

Durante a pesquisa, os resultados colhidos na base de dados do instituto Lecca (questionário de entrada no programa) indicavam os jovens superdotados selecionados para participar do Programa Estrela Dalva. Foram levantadas informações que determinaram a escolha dos grupos que seriam estudados. Essa escolha foi baseada no fato desses jovens estarem finalizando suas trajetórias escolares, uma vez que estavam concluindo o Ensino Médio ou iniciando na universidade no momento da pesquisa.

Para a pesquisa foi elaborado um questionário que foi respondido pelos sujeitos. O questionário foi enviado para 24 alunos egressos do Programa Estrela Dalva, foram recebidas 23 respostas. Não foi possível receber retorno do vigésimo quarto aluno. É possível que seus contatos tenham sido alterados e que o banco de dados da instituição não possua a atualização destas informações. Nesta amostra observamos que 16 sujeitos eram do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Observando dados da instituição não se notou predominância de um ou outro sexo nos dez anos em que a seleção vem sendo realizada.

No momento em que o questionário foi aplicado as idades dos alunos egressos do programa variava de 16 a 18 anos (tabela 1).

TABELA 1: Idades dos participantes da pesquisa

| Idade | Quantidade de alunos |
|----------------|-----------------------------|
| 16 anos | 12 |
| 17 anos | 10 |
| 18 anos | 1 |

Fonte: A pesquisa

Entre os nossos sujeitos, egressos do Programa Estrela Dalva, estudavam no Colégio Federal Pedro II, 21alunos, no colégio Militar do Rio de Janeiro, 1 aluno e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1 aluno também.

TABELA 2: Instituições de ensino dos sujeitos da pesquisa

| Instituição de Ensino | Quantidade de alunos |
|---|-----------------------------|
| Colégio Federal Pedro II | 21 |
| Colégio Militar do Rio de Janeiro | 1 |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro | 1 |
| Total | 23 |

Fonte: A pesquisa

A partir dos dados colhidos, podemos afirmar que os egressos, ao serem selecionados para participarem de um programa para crianças superdotadas, na sua maioria demonstraram surpresa e outros variavam entre estranhamento e alegria. Para apenas 1 deles não houve surpresa. São estes os resultados ao responderem a pergunta:

Qual foi sua reação ao ser selecionado para o programa?

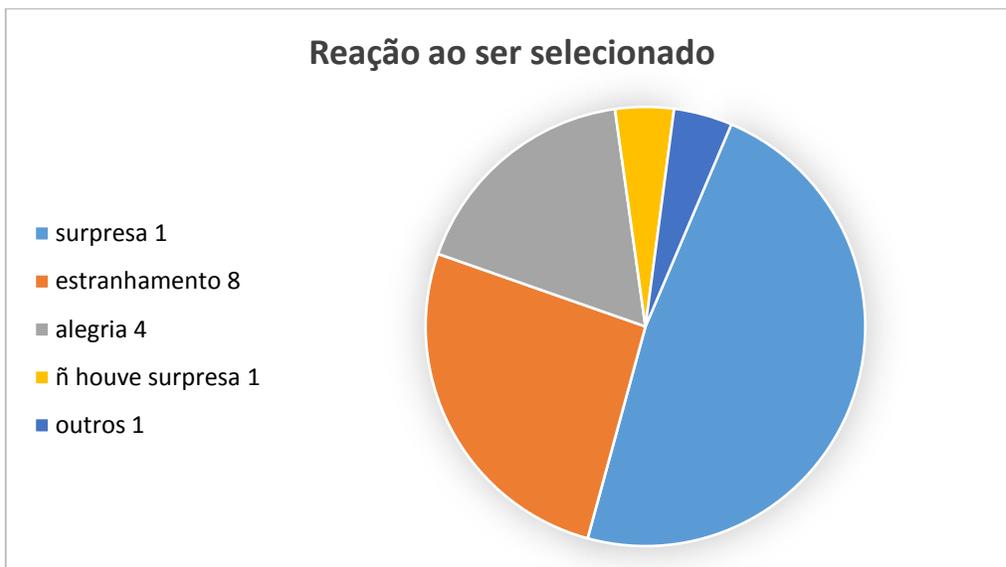


Gráfico 1 / Total: 23 respostas

Ao serem questionados se, no momento em que foram selecionados para o programa, alguma vez, já haviam se sentido diferentes de outras crianças, 14 responderam que sim e 9 responderam que não.

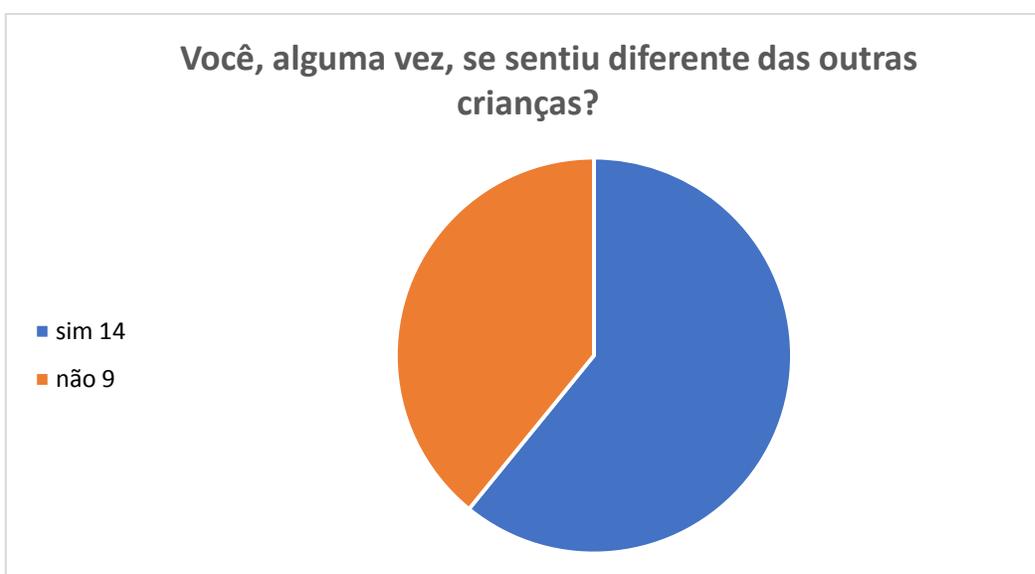


Gráfico 2 / Total: 23 respostas

Ao ser questionada a reação das famílias no momento em que foram selecionados para o programa, a alegria foi o sentimento que predominou e todos relataram algum tipo de reação.

Pergunta: Qual foi a reação da sua família ao saber que você havia sido selecionado para um programa de atendimento a crianças superdotadas?

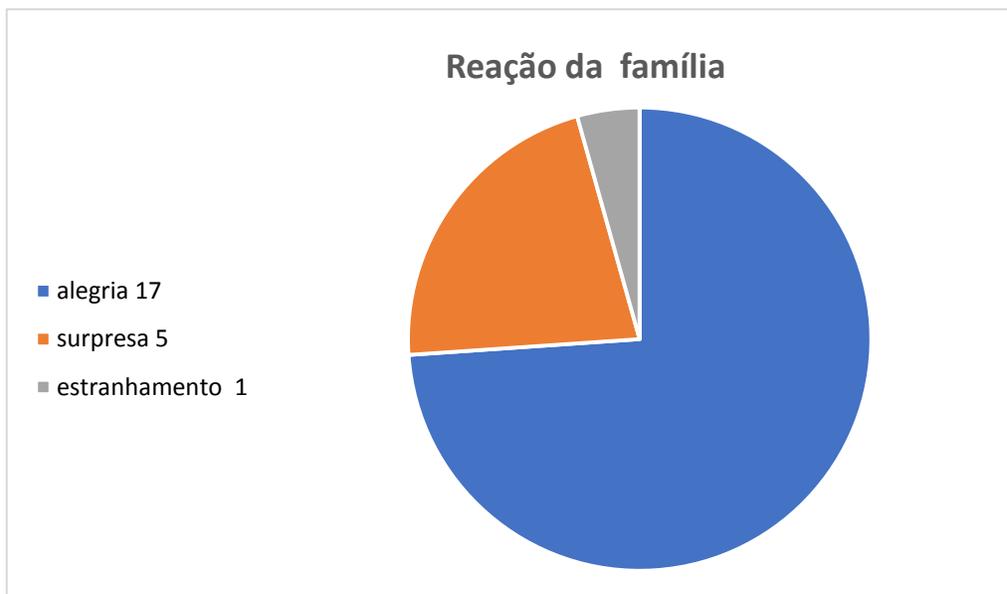


Gráfico 3/Total: 23 respostas

No item em que foram perguntados se no momento que foi selecionado para o programa o aluno já tinha algum objetivo para a vida, a maioria respondeu de forma negativa.

É natural que neste momento ainda não tivessem um objetivo já que as idades oscilavam entre nove e dez anos de idade. Entre os que responderam que sim, surgiram respostas como ser jogador de futebol, bailarina, atriz, ocupações que são típicas das aspirações desta fase. Apenas umas das entrevistadas relatou que gostaria de cursar a faculdade de medicina e ser médica pediatra.

Pergunta: Ao ser selecionado para o programa você já tinha algum objetivo para a sua vida?

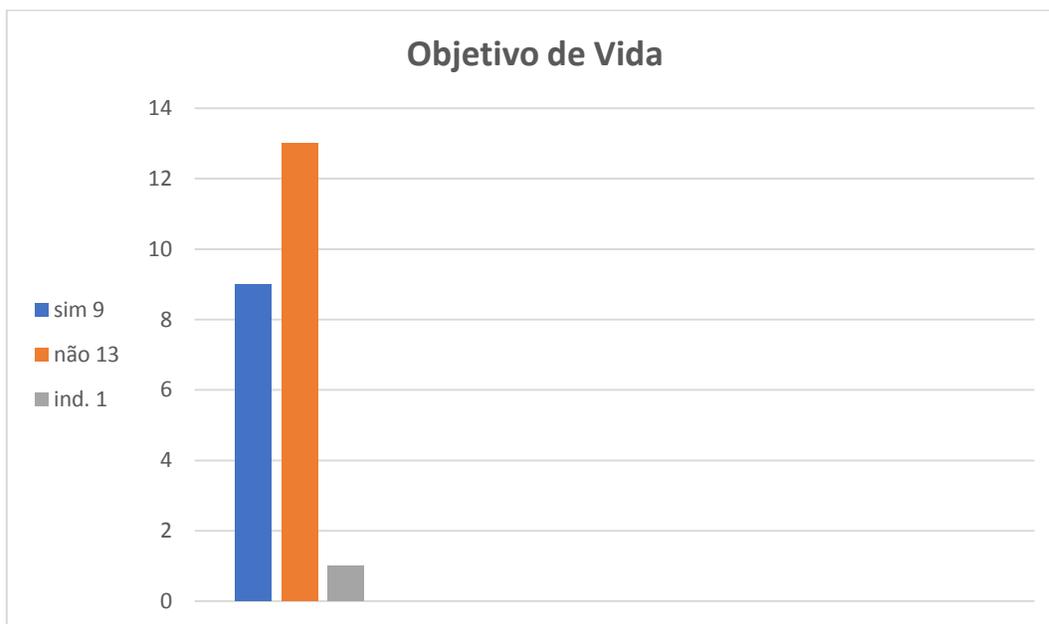


Gráfico 4/Total: 23 respostas

No item em que foram questionados se ao frequentarem o programa passaram a sentir diferença em relação à escola, a grande maioria respondeu afirmativamente. Ao se depararem com uma nova situação de aprendizagem diferente da única que possuíam esta diferença ficou clara.

Pergunta: Ao passar a frequentar o programa sentiu alguma diferença em relação a escola? Se sim, quais?

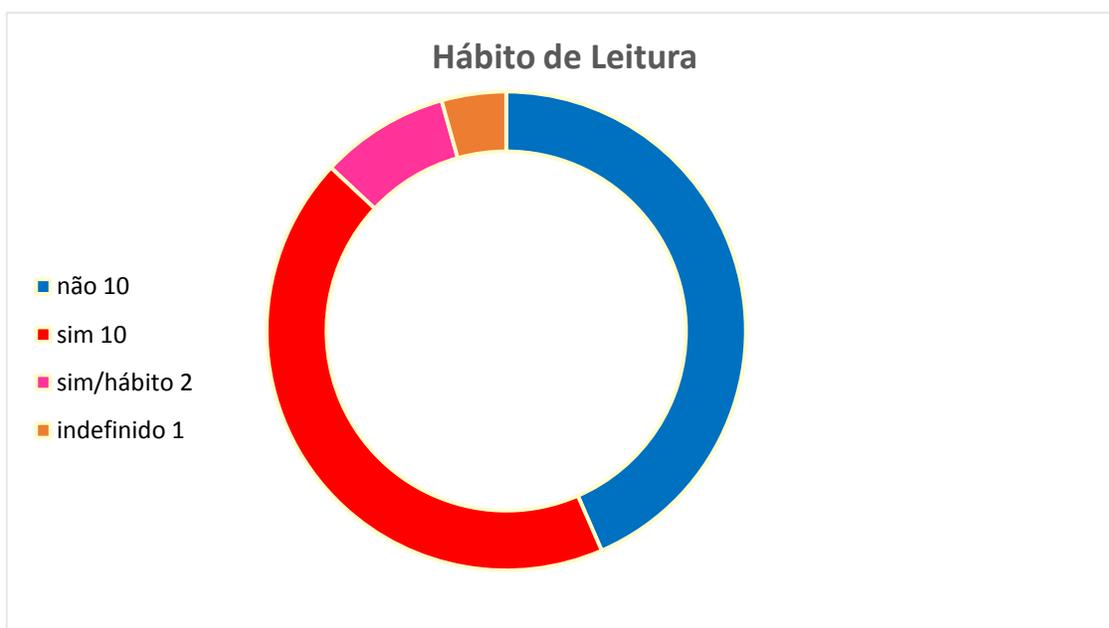
TABELA 3: Diferenças

| Diferença em Relação à escola | |
|--------------------------------------|-----------|
| Sim | 22 |
| Não | 1 |

Fonte: A pesquisa Total: 23 respostas

Entre as diferenças citadas os jovens relataram que passaram a ter mais facilidade nos conteúdos da escola, que começaram a perceber que estavam a frente dos colegas de sala, que o programa tinha aulas com dinâmicas e professores mais qualificados e, até mesmo, que passaram a se dar conta que a escola onde estudavam não supria suas necessidades.

Em relação ao fator leitura dos 23 (vinte e três) entrevistados, 12 (doze) jovens reconheceram que liam, mas somente 2 (dois) afirmaram que já tinham desenvolvido o hábito da leitura.



Pergunta: Você gostava de ler antes de entrar no Programa?

No item em que foram perguntados se ao fazerem parte do programa houve alguma diferença de tratamento por parte dos colegas, professores ou funcionários da escola em relação a eles, tivemos um resultado equilibrado.

Pergunta: Quando passou a fazer parte do programa houve alguma diferença de

tratamento por parte dos colegas, professores ou funcionários da escola em relação a você?

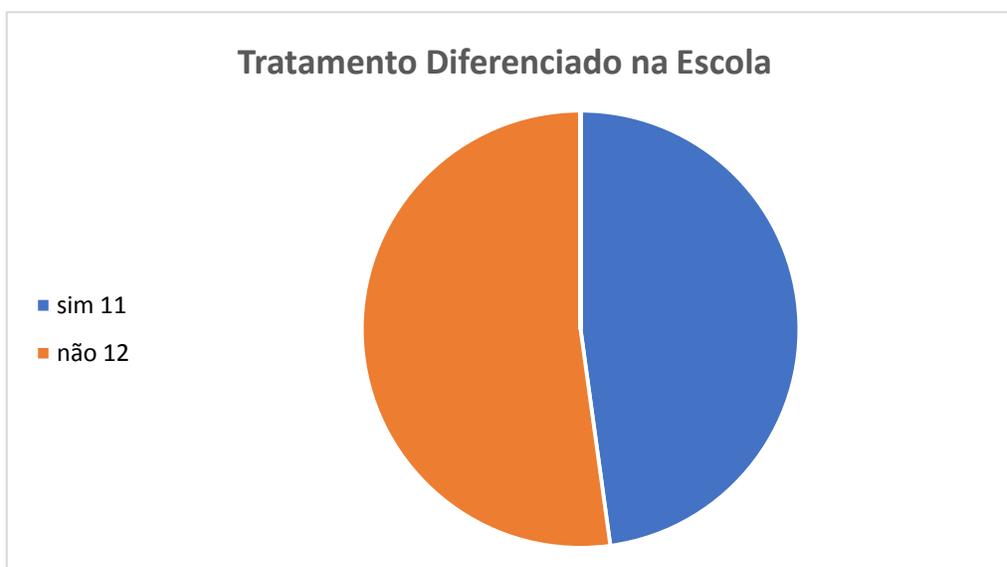


Gráfico 6/Total: 23 respostas

Entre os que responderam afirmativamente vale ressaltar algumas das respostas:

“Todos me tratavam como se eu fosse anormal.”

“Os meus colegas não gostavam porque eu já sabia a matéria que eles estavam aprendendo naquele momento.”

“Os meus professores normalmente quando eu conversava com o amigo do lado, me reemprendiam e diziam que eu tinha o programa que me ensinava e o meu colega não.”

“Passaram a me ver como uma aluna muito boa, exemplar.”

“Os professores me colocavam para ajudar os outros alunos e passavam exercícios extras, já que realizava todos com muita facilidade e agilidade. E os funcionários da escola estavam sempre me dando força e felizes pelo meu desempenho, sempre me perguntando sobre como estava sendo no programa. E os alunos em geral me viam como uma garota superinteligente.”

“Professores passaram a cobrar mais de mim, ou, pelo menos foi como eu me senti.”

“Minha professora implicava comigo e dizia que eu só era boa por causa do Instituto LECCA.”

“Eles me viam diferente, como se eu fosse algo raro, diferente. Os meus colegas de classe chegavam a pedir ajuda para mim nos exercícios ao invés de pedir ajuda para a professora.”

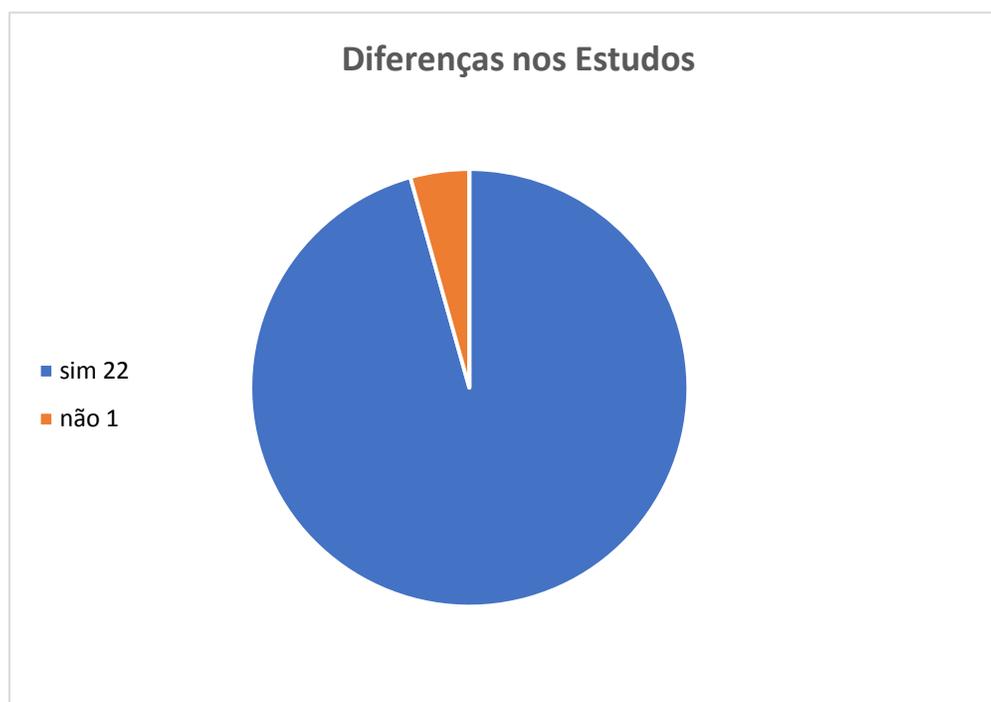
“E eu também tive uma professora em especial, na quarta série (quinto ano), que não gostava de mim por eu ser tão inteligente.”

“A professora não me deixava responder as perguntas que ela fazia para a turma por sere m mais fáceis para mim.”

“Minha professora me tratava, muitas das vezes, mal, pois como a matéria ficava fácil pra mim na escola, eu não levava tão a sério, o que a levava a pensar que eu me achava superior por fazer “cursinho”. ”

A seguir, no item que perguntava se eles haviam percebido alguma diferença na relação com os estudos, os conteúdos ou o conhecimento depois que passaram a frequentar o programa, a grande maioria afirma que sim e apenas um dos entrevistados afirmou que não.

Pergunta: Você percebeu alguma diferença na sua relação com os estudos, os conteúdos ou o conhecimento depois que passou a frequentar o programa? Quais?



7/Total: 23 respostas

Entre estas respostas, os itens mais citados foram o desenvolvimento do hábito de estudo, uma ampliação do conhecimento e o fato de terem aprendido a estabelecer relações com os conteúdos.

Todos foram unânimes em dizer que o programa havia lhes acrescentado algo além das atividades acadêmicas. Entre muitos fatores citaram: responsabilidade, conhecimentos de mundo, interação com pessoas, coragem para vencer, persistência, foco, aprendizagem de como lidar com diferenças, desenvolvimento do pensamento crítico, a valorização do planeta e ao fato do programa ter contribuído para se tornarem pessoas melhores.

O item a seguir se refere ao nosso objeto de estudo, ou seja, os sujeitos da pesquisa foram perguntados sobre que mudanças perceberam na trajetória de vida por terem participado do programa. Cada um pode citar três aspectos.

Pergunta: O que você considera importante no programa que pode ter influenciado essas mudanças? Cite pelo menos 3 aspectos.

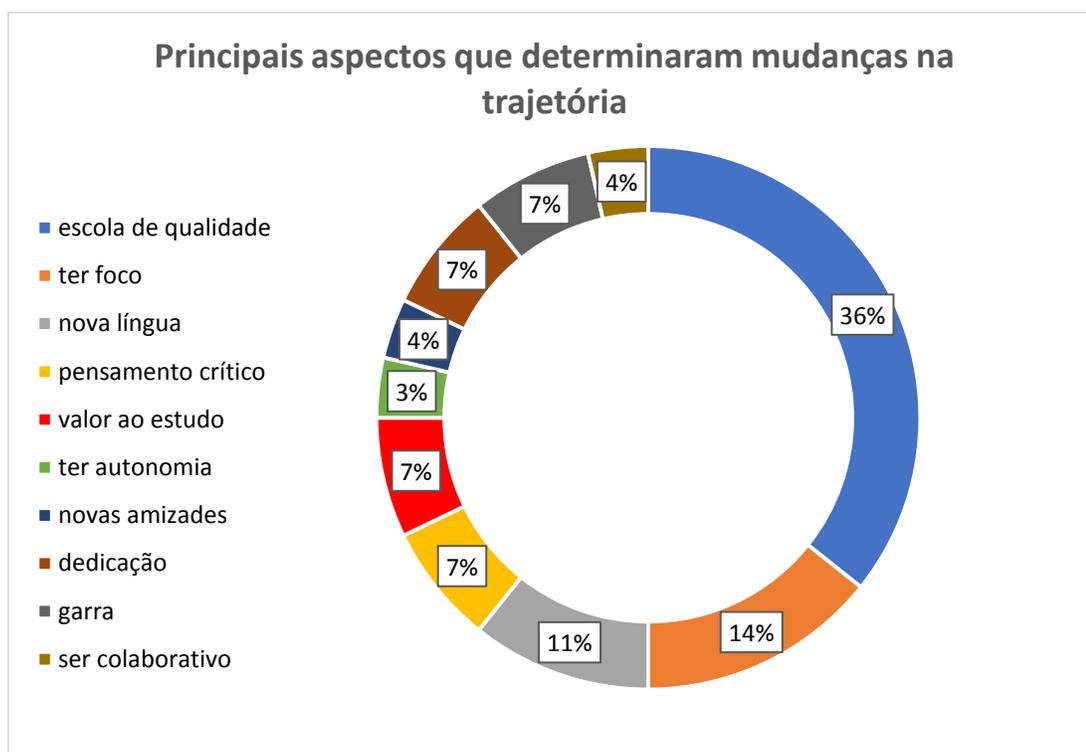


Gráfico 8/Total: 23 respostas

No item no qual os entrevistados foram questionados a respeito de quais elementos do programa foram fundamentais para ocasionarem estas mudanças. Cada um deles pode citar também 3 itens. Foram citados de forma relevante: o alto nível, a

competência e a dedicação dos profissionais do programa, o apoio emocional que os alunos recebem e a preocupação do programa em desenvolver no aluno não só a autonomia cognitiva, mas também a autonomia moral e a preocupação com o bem comum. Também foram citados a disciplina, o respeito aos interesses individuais, o incentivo e a confiança neles depositada.

A partir das respostas do gráfico anterior, podemos dividir estes fatores em três grupos: acadêmicos, socioculturais e afetivos. Analisando e quantificando percebemos que mais da metade dos alunos egressos citaram fatores emocionais como mais importantes nas mudanças acontecidas por terem feito parte do Programa Estrela Dalva.

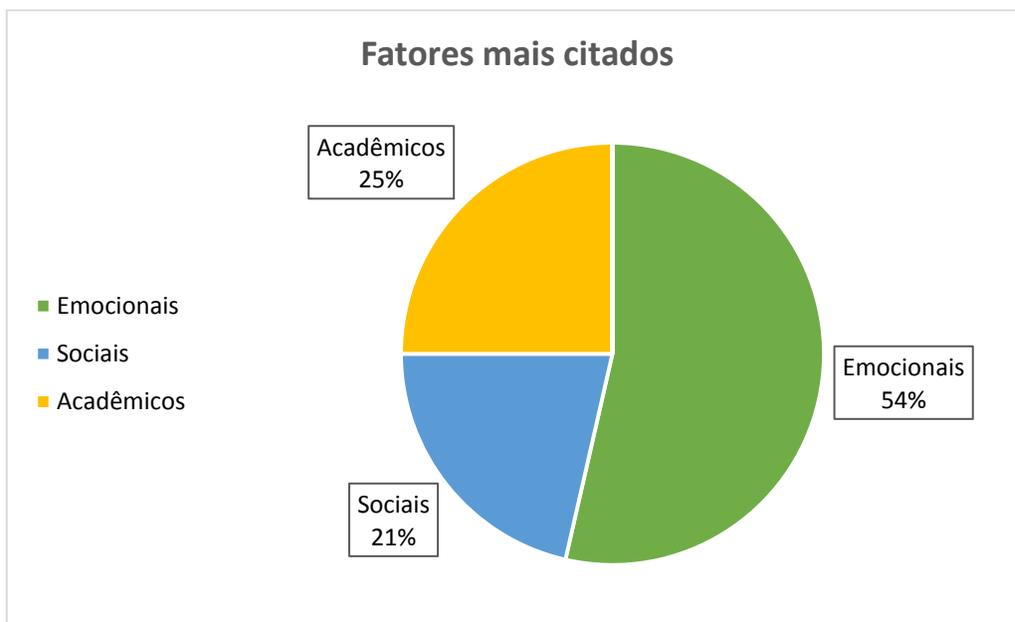


Gráfico 9/Total: 23 respostas

Percebe-se que os fatores emocionais predominaram entre os itens citados. Para os jovens estes aspectos foram os que mais influenciaram nas mudanças em suas trajetórias de aprendizagem. Dentre os 2 fatores emocionais que foram considerados mais determinantes para ocasionarem mudança, eles citaram:

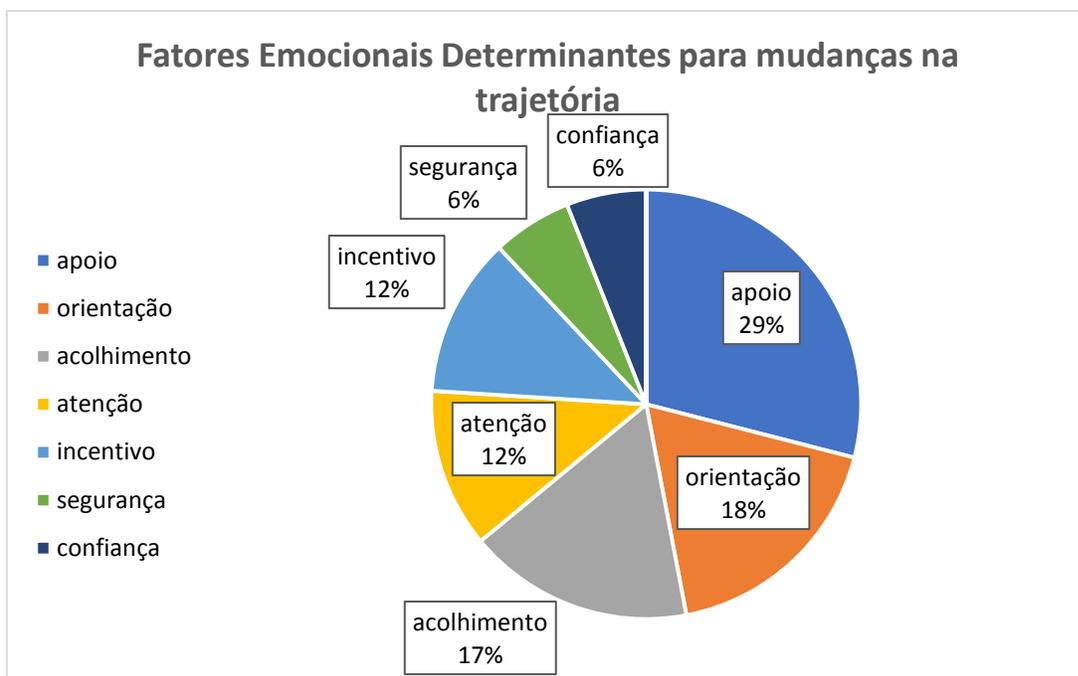


Gráfico 10/Total: 23 respostas

Ao serem questionados sobre quais aspectos consideravam negativos por terem participado do programa, 13 (treze) sujeitos não conseguiram destacar qualquer ponto negativo, 6 (seis) citaram a pressão para que alcançassem as metas estabelecidas, 3 (três) mencionaram a quantidade de tempo que tiveram que dedicar ao projeto abrindo mão de outras atividades e apenas 1(um) citou a quantidade excessiva de estudos.

Entre os que citaram a pressão alguns completaram acrescentando que, apesar de considerarem a pressão como um fator negativo, conseguiam entender que isso foi necessário para que alcançassem a meta estabelecida pelo programa: a aprovação e classificação nos concursos de entrada para as escolas de excelência.

Pergunta: O que você considera negativo no fato de ter participado do programa?

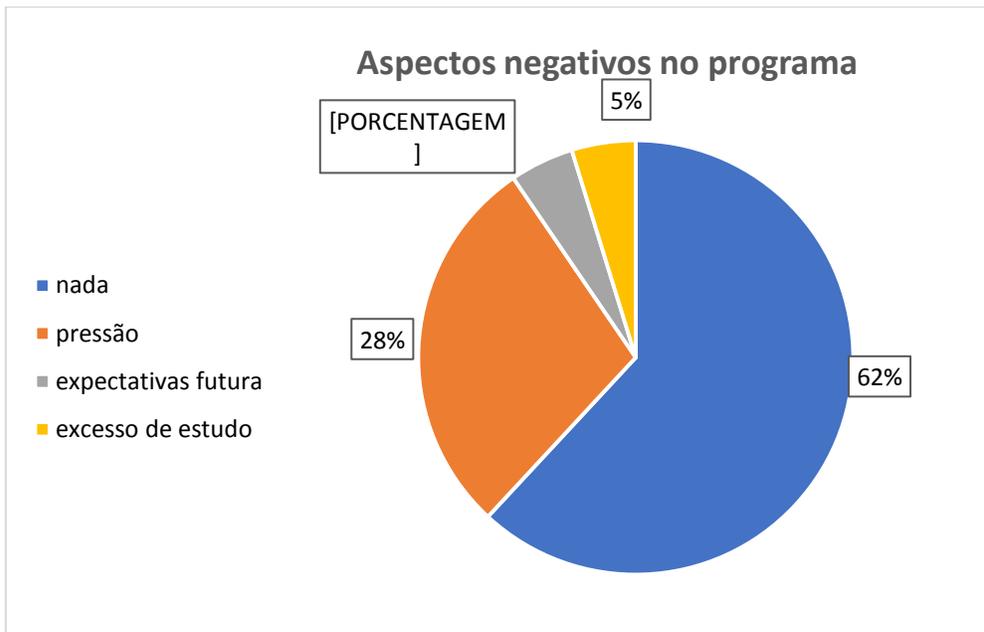


Gráfico 11/Total: 23 respostas

O grupo focal foi realizado com o objetivo de enriquecer e detalhar os dados colhidos no questionário. Foram convidados a participarem do grupo focal os alunos egressos que estavam mais acessíveis. Estes alunos estavam frequentando o programa uma vez por terem sido convidados para realizar um trabalho sobre a orientação de um "coach". O grupo focal foi constituído de 6 (seis) alunos. Coube a pesquisadora atuar como moderadora e o papel de observadora coube a uma profissional da área da educação (pedagoga).

Foi aberta uma discussão no grupo a respeito do programa do qual fizeram parte. A discussão foi iniciada com a pergunta:

Para eles o que significava o programa Estrela Dalva?

A partir das respostas, outras perguntas foram surgindo e todos foram trazendo suas respostas de forma espontânea. Além dos dados trazidos pela análise dos questionários, constatou-se nesta discussão dois novos aspectos:

- **Primeiro, a influência que o programa exerceu em relação à família dos alunos.**

A maioria do grupo expressou que os pais ou responsáveis passaram a dar uma importância maior ao estudo sendo que vários tentaram retornar à escola ou a alguma formação acadêmica. De acordo com o relato dos jovens, a família passou a se preocupar também com a educação dos outros filhos.

- **Segundo, também significativo, foi a grande expectativa que a família passou a depositar neste jovem.**

A criança da família passou a ter um lugar de status no contexto familiar e a ocupar um papel importante. A família passando designar aquele membro familiar como a esperança para um futuro melhor ou a solução de todos problemas.

Com o objetivo de finalizar o estudo foi feita uma *entrevista* com uma jovem profissional que fez parte quando estudante de um programa de atendimento a superdotados muito similar ao Programa Estrela Dalva. Este programa foi criado, desenvolvido e funcionou durante cinco anos sob a coordenação da mesma equipe que hoje atua no programa Estrela Dalva.

A entrevistada é uma jovem médica de 26 anos, oriunda de família de baixa renda que frequentou o Colégio Federal Pedro II enquanto participou do programa para superdotados. Após o Ensino médio se preparou em um cursinho para realizar os exames do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e exames vestibulares. Com os resultados conquistados conseguiu a aprovação em três universidades públicas: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Optou pela UFRJ. Hoje já formada e exercendo sua profissão há um ano e meio, atua como voluntária no programa Estrela Dalva realizando os exames médicos necessários para a entrada dos atuais alunos ao serem aprovados nas escolas de excelência.

A entrevista completa encontra-se no anexo, mas podemos destacar pontos de relevância na trajetória de vida da jovem, a partir da identificação e do atendimento recebido através do programa ao qual participou. Os aspectos relativos à motivação despertada através do incentivo, da segurança e da autoconfiança que o programa ajudou a fortalecer em si mesma, foram lembrados várias vezes nas suas falas. Outro ponto de

destaque foi a ampliação de conhecimento que ajudou a despertar a curiosidade e a vontade de saber mais.

Ela inclusive ressaltou o fato de que já conhecia quatro países, com os recursos de seu próprio trabalho como médica, na busca por novos conhecimentos.

5 - DISCUSSÃO

A criança de baixa renda que é identificada como superdotada e integrada a um programa de atendimento vê reconhecido algo que faz parte dela e que muitas vezes ela e a própria família desconheciam.

Em um primeiro momento ela vivencia um presente de mudanças, novos ensinamentos, amigos, local, horário e com o decorrer do tempo é que vai compreender a extensão das mudanças que vão se desencadeando em sua trajetória de vida.

Ao ser integrada a um programa, que tem outras crianças semelhantes a ela, inicia uma trajetória em que vai receber atenção e um conjunto de conhecimentos com uma metodologia diferente da escola. Também começa a perceber que tem família mas tem possibilidades de ter uma educação diferente desta família e uma certa autonomia em relação a esta. Esse movimento vai ficando mais visível e a criança passa também a ser estimulada pelo programa a prestar mais atenção em seu potencial, em suas atividades e atitudes, em suas escolhas que vão paulatinamente compondo sua história de vida. Começa a tomar consciência e conhecer suas características e habilidades. Aqui podemos perceber como os aspectos mencionados por nós ao descrevermos os níveis de pensamento alcançados pelos superdotados através da Taxionomia de Bloom se fizeram presentes. Esses jovens conseguem hoje avaliar e sintetizar os percursos que percorreram ao longo das suas trajetórias.

Ao conviver com outros que reconhecem seus talentos e as impulsionam para uma vida acadêmica mais rica, elas se conscientizam que possuem condições de realizar pequenas coisas com seu potencial e também com trabalho e esforço podem alcançar metas mais elaboradas e ter sonhos.

Segundo Gama, (2006) muitas crianças e jovens que participaram do programa para alunos talentosos de baixa renda, no Rio de Janeiro, ao fazerem sua linha do tempo, indicaram como mudança mais radical de sua vida a entrada no programa. E, não raras vezes, pais declararam que se seus filhos tinham “renascido” naquele dia. Esse dado

corresponde ao que foi encontrado neste estudo, a entrada no programa indica uma mudança radical.

O fato de ter reconhecidas suas capacidades faz com que outros significados passem a fazer parte da vida destes sujeitos. Pessoas os valorizam e escolheram, para receber atenção, receber coisas e frequentar lugares que até então desconhecia.

O reconhecimento de suas capacidades pode significar para este sujeito um bem, um acreditar que pode fazer, uma positividade.

De acordo com a pesquisa foi possível constatar que há uma modificação na auto-percepção dos alunos egressos do Programa Estrela Dalva.

A inserção de novos conteúdos e o trabalho com o desenvolvimento de uma exigência quanto ao seu potencial acadêmico pode gerar uma expectativa dos outros em cima dos indivíduos superdotados, esperando-se deles uma maturidade emocional condizente com este potencial. Contudo nem sempre isto ocorre tão rapidamente e o desenvolvimento assíncrono é bastante comum nestes casos. Essa falta de sintonia acaba por gerar conflitos intra e interpessoais, influenciando o processo de ajustamento psicossocial, ocasionando instabilidade emocional (ALMEIDA, FLEITH, & OLIVEIRA, 2013).

Gomez (2014) salienta que é sabido que os indivíduos com altas habilidades apresentam um sistema cognitivo complexo, ressalta, no entanto, que os emocionais/afetivos e de personalidade também se mostram igualmente complexos. Pode-se entender isso refletindo sobre como estes aspectos podem influenciar no desenvolvimento da personalidade e do caráter destes sujeitos. Com uma habilidade acima da média para raciocínio lógico e para estabelecer relações, é possível que a intensidade com a qual assimilam e vivenciam fatores emocionais seja um determinante importante em suas formações enquanto atravessam os períodos da infância e da adolescência. Essa intensidade ao mesmo tempo que pode comprometer seu desenvolvimento quando acentua sentimentos de inadequação, perfeccionismo exagerado, baixa autoestima, pouca tolerância ao diferente, manifestações de ansiedade entre outros, pode ser canalizada para o lado positivo transformando-se em sentimentos de autoconfiança, coragem, ousadia, empatia com o próximo e motivação.

No grupo focal surgiu um aspecto novo que é a expectativa que a família passa a depositar neste jovem que passa a figurar como uma possível solução para resolver os problemas da família. Foi possível perceber que esta nova responsabilidade, ao mesmo tempo que os deixa orgulhosos pelo reconhecimento e status que passam a ter no grupo familiar também os deixa assustados e receosos com o fato de talvez não conseguirem corresponder-lá.

A entrevista feita com uma jovem médica que, como os sujeitos da pesquisa, também é egressa de um programa para crianças e jovens superdotados serviu para reafirmar a importância do aspecto emocional. Em sua entrevista ela cita a palavra motivação diversas vezes classificando este aspecto como fundamental na sua trajetória de vida. Outro fator que foi citado como importante por ela foi a ampliação de conhecimentos e do enriquecimento cultural que o programa lhe proporcionou. Ela atribui ao programa o fato de hoje, após um ano e meio exercendo a profissão que tanto sonhou, já tinha conhecido quatro países diferentes, tendo outras viagens já planejadas e de que apresenta uma vontade de sempre saber mais.

Vimos no decorrer da pesquisa e análise dos resultados, que sem dúvida alguma, o fato de ser reconhecido como possuindo altas habilidades e entrar em um programa é algo muito positivo.

Os resultados indicam que esses jovens tinham total desconhecimento da sua própria capacidade, não apresentavam hábito de leitura, tinham pouco conhecimento na área cultural não consideravam possibilidade de escolher uma carreira universitária, não valorizavam o estudo como um meio de ascensão social. O fato do programa passar a incidir sobre os hábitos de leitura, dar mais informações, opções culturais, intensificação do estudo, trabalhar a disciplina e focalizar aspectos que devem ser estudados para alcançar resultados positivos é sem dúvida extremamente importante e necessário.

Foram citados de forma relevante: o alto nível, a competência e a dedicação dos profissionais do programa, o apoio emocional que os alunos recebem e a preocupação do programa em desenvolver no aluno não só a autonomia cognitiva, mas também a autonomia moral e a preocupação com o bem comum. Também foram citados a

disciplina, o respeito aos interesses individuais, o incentivo e a confiança neles depositada.

Esses aspectos nos chamam a atenção de quanto os egressos valorizam todo o aspecto de apoio pessoal que ultrapassa a questão do conteúdo. Todos foram unânimes em dizer que o programa havia lhes acrescentado algo além das atividades acadêmicas. Entre muitos fatores citaram: responsabilidade, conhecimentos de mundo, interação com pessoas, coragem para vencer, persistência, foco, aprendizagem de como lidar com diferenças, desenvolvimento do pensamento crítico, a valorização do planeta e ao fato do programa ter contribuído para se tornarem pessoas melhores.

Ao rever esses aspectos podemos observar o quanto o programa acaba oferecendo algo que é extremamente valorizado pelos jovens e que talvez o próprio programa não tenha tanta percepção do enorme peso que isto representa para os participantes. Percebemos que a questão do reforço educacional e dos conteúdos passa a fazer sentido para esses alunos a medida que eles têm também paralelo ao convívio com uma equipe de profissionais que busca desenvolver neles aspectos de autonomia moral e de criação de valores positivos e também o enorme ganho que adquirem quando passam a ter uma relação com os outros jovens onde se reconhecem nas suas diferenças e características.

Em Gross (1993, 2002) observamos em um estudo realizado na Austrália, que a grande maioria dos alunos excepcionalmente inteligentes que não tinham tido oportunidade de serem acelerados, apresentavam níveis mais baixos de motivação e autoestima e mais frequentemente eram rejeitados por seus colegas de escola. Com relação aos alunos excepcionalmente inteligentes, a autora ressalta que eles diferem de forma radical de outros moderadamente superdotados não apenas em seu desenvolvimento cognitivo, mas em seu crescimento afetivo, desenvolvimento moral, interesses de lazer, interesses de leitura, escolha de amizades, atitudes e valores, além da maneira como conseguem perceber o mundo. A autora continua quando diz que estes alunos correm sério risco de isolamento social e rejeição pelos pares, a menos que o sistema educacional proporcione a eles um grupo de colegas baseado não em idade, mas em habilidades, interesses comuns e em níveis de desenvolvimento.

Esse estudo vai de encontro ao que constatamos na pesquisa quando a questão dos problemas de convivência, do se sentir diferente aparecem.

Contudo parece que no Brasil e em outros países da América Latina, podemos citar aqui o exemplo de uma experiência realizada no Peru, o fato dos alunos virem de classes menos favorecidas não vai implicar somente o não acesso à educação formal, mas vai mexer com valores de base da família. Ao fazer a ligação da capacidade com necessidade de intensificar os estudos o programa está instituindo uma relação - maior nível de estudo, maior possibilidade de realização - que muitas vezes a família não faz. Muitas vezes estas famílias ligam o crescimento e mudança de status a aspectos de crença, a pensamentos mágicos, ou a fantasias, como, por exemplo se tornar um ótimo jogador de futebol e ganhar muito. A relação preparo, estudar, excelência implica que os jovens se dediquem, se esforcem, o que claramente se vê que é um aspecto que eles estranham inicialmente e vão se adaptando progressivamente. Contudo isso só se torna possível porque vão se sentindo acolhidos e respeitados.

Ou seja, um programa para superdotados em um país como o Brasil vai lidar com a dimensão da formação de qualidade. Os programas buscam proporcionar um nível de atividades, aulas de línguas, visitas a museus que os jovens, que têm um baixo poder econômico não alcançavam. No entanto, parece que outro fator se coloca, as questões de crenças, valores, as questões emocionais que se criam na diferença que começa a se estabelecer entre os valores da família e os que passam a receber, entre os acesso a bens culturais que a família tem e o que ele passa a ter.

Os jovens apontam aspectos importantes para terem continuado e obterem o sucesso, sendo que os aspectos emocionais e apoio obtido através do programa ocupam lugar de destaque. Alguns alunos, como se pode ver nos resultados acima e enfatizados através dos gráficos, enfatizaram a dificuldade com a exigência do programa e como foi, às vezes, difícil e pesado criar hábitos de estudo e uma disciplina de estudos e de rotinas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 – CONCLUSÃO

Sendo o Brasil um país com um elevado índice de pobreza ainda se vive uma herança de desigualdades e injustiças que acaba por excluir as crianças e jovens de condições mínimas necessárias para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades, habilidades e talentos. Para tentar minimizar os problemas decorrentes da pobreza, como ausência de condições de vida e de direitos, é preciso entender a diversidade, reconhecendo e valorizando diferenças e, desta forma, ultrapassar e vencer os estigmas que são impostos a estes grupos e que lhes atribuem a pobreza como destino. Ao reconhecer diferenças a educação pode garantir os princípios de igualdade e equidade, dando oportunidades e mudando o destino daqueles que já pareciam fadados a ausência de liberdades de escolhas.

O sujeito escolhido para a pesquisa está inserido em um grupo especial, porque além de pertencer a um grupo que se diferencia em suas capacidades também se enquadra em segmentos jovens da população de camadas populares pouco favorecidas. Através da pesquisa pode-se constatar que significados teve para este sujeito o reconhecimento de suas capacidades e em que medida o fato de ter sido identificado e atendido em suas necessidades pode alterar sua trajetória de vida. Ao fazer parte um programa para superdotados este jovem, pode vislumbrar novas possibilidades em suas vidas e alcançar a auto realização de acordo com seu potencial cognitivo. A partir do momento em que ele mesmo pode se reconhecer como diferente e assim, entender toda a dimensão que isso poderia significar no seu autodesenvolvimento e na constituição de sua identidade, ele também se liberta quebrando as barreiras que lhes eram impostas.

Oferecer um programa que atenda o jovem superdotado das camadas populares é de extrema importância porque esse jovem muitas vezes acaba excluído da escola por se sentir deslocado e por não encontrar apoio em um ensino que atenda às suas demandas. Ao sair do sistema educacional, esse jovem, inúmeras vezes, tem seu talento transformado

em risco pessoal e social, sendo seduzido por outros desafios que podem levá-lo à marginalidade. Além disso, o indivíduo superdotado necessita de programas de atendimento que o levem ao desenvolvimento de suas habilidades, que o estimule à evolução de seu pensamento crítico e criativo buscando uma aprendizagem condizente com seus interesses e capacidades.

Pode se constatar com o estudo que mais do que o enriquecimento cultural ou acadêmico oferecido pelo programa, os fatores que envolvem aspectos emocionais, se desenvolvidos positivamente, podem influenciar de forma determinante na trajetória de vida destes sujeitos. Através do fortalecimento de suas capacidades, do incentivo, da confiança depositada, do respeito aos seus interesses, o jovem passa a se perceber com um ser autônomo e capaz de conquistar seus desejos. Toda esta transformação acaba libertando-os da dupla exclusão a que vem sendo confinados e os fortalecendo de forma a conduzi-los a uma vida mais produtiva e feliz

A partir dos resultados da pesquisa pode-se sugerir que a parte não acadêmica possa receber um enfoque maior voltado para aspectos emocionais. Promover dinâmicas grupais que levem ao autoconhecimento, pode ajudá-los a se reconhecerem como sujeitos autônomos. Este tipo de enfoque certamente contribuirá ainda mais na conquista de uma autonomia cognitiva e moral.

Ao ser inserido no programa o jovem além de ter acesso a todos os atributos que o programa lhe confere, bem diferente da escola que parece vê-lo quase sempre como um indivíduo sem muitas possibilidades, passa também a conviver diariamente com outros jovens que se igualam em suas características. Ele encontra seu par intelectual, encontra sujeitos que vivem realidades similares com a sua. Passa a fazer parte de um grupo onde todos são incentivados a conviver de forma colaborativa e, aos poucos, constrói um sentimento de cumplicidade que irá lhe fortalecer nas vitórias e nos eventuais fracassos.

Outro ponto que pode ser ampliado o leque de opções destes jovens em relação a escolhas profissionais. Além dos cursos universitários tão valorizados pela sociedade em geral, pode-se apresentar a estes jovens os cursos de graduação tecnológica. São cursos voltados para quem quer buscar uma formação superior focada no mercado de trabalho

mais especializada, prática e rápida. Por pertencerem aos segmentos mais carentes da população muitas vezes, a entrada mais rápida no mercado de trabalho é uma necessidade real. Assim, em conformidade com as necessidades socioeconômicas destes sujeitos, pode-se vislumbrar novas possibilidades de formação para estes jovens talentosos.

6.2 – PERSPECTIVAS

Mapear o caminho dos alunos egressos do Programa Estrela Dalva através de seus relatos, permitiu buscar aspectos de importância nos momentos de vida desses sujeitos e que determinantes se tornaram significativos nas mudanças operadas nas suas vidas. Através deste estudo pode-se validar o programa, explorando os resultados com objetivo de aperfeiçoar o modelo podendo-se ampliá-lo ou operar mudanças e ajustes necessários para um resultado mais efetivo. Pode-se, principalmente, se basear em dados científicos para a criação do guia para outros programas que tenham como objetivo atender esse público, tornando possível a sua aplicação em maior escala. Além disso a pesquisa gerou como produto uma guia de orientação para que outros programas possam ser criados de forma a contribuir para atender a demanda deste público específico.

As transformações do mundo contemporâneo, o aumento de crianças identificadas, o aumento também do número de jovens que estão dentro de faixas socioeconômicas menos privilegiadas apontam para a demanda de ampliar os programas não perdendo a qualidade, mas considerando que outros aspectos como inserir os alunos em um ensino técnico de qualidade ou em outros caminhos que não estejam diretamente ligados a entrada na universidade podem se constituir em um caminho a ser testado.

Criar parâmetros e orientações para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de programas e compartilhar o saber pode ser uma opção válida para que os profissionais da área possam compartilhar suas experiências e saberes ampliando o número de atendimentos e colaborando para a política de inclusão deste público específico.

Em relação a minhas perspectivas pessoais espero continuar os estudos nesta área, pela qual sou totalmente encantada, aliando minha experiência prática com fundamentações teóricas e me aventurando em breve para um doutorado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento**. 2 ed. São Paulo: EPU, 2001.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. Indivíduos com altas habilidades/superdotação: Clarificando conceitos, desfazendo idéias errôneas. In: FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Volume 1: orientação a professores, 2007. p.13-23.

ALMEIDA, L. S., GUISANDE, M. A., & Ferreira, A. **Inteligência: Perspectivas teóricas**. Coimbra: Livraria Almedina, 2009.

ALMEIDA, L. S., FLEITH, D. S., & Oliveira, E. P. **Sobredotação: Respostas educativas**. Braga: ADIPSIEDUC, 2013.

AMBROSE, D. Socioeconomic stratification and its influences on talent development: some interdisciplinary perspectives. **Gifted Child Quarterly**, v. 46, p. 170-180, 2002.

BLOOM, B.S. **Taxionomia dos objetivos educacionais**. Ed. Globo, 1972.

BLOOM, B. S.; HASTINGS, J. T.; MADAUS, G. F. **Handbook on formative and sommative evaluation of student learning**. New York: McGrawHill, p. 923. 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

CHAGAS, Jane Farias, MAIA-PINTO, Renata Rodrigues & PEREIRA, Vera Lúcia Palmeira. Modelo de Enriquecimento Escolar. In: FLEITH, Denise de Souza (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: Volume 2: Atividades de Estimulação de Alunos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

CONKLIN, J. **A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Blooms's taxonomy of educational objectives**. Educational Horizons, v. 83, n. 3, p. 153-159, 2005

CUPERTINO, C. M. B. (org.). **Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos/Secretaria da Educação**. São Paulo: FDE, 2008.

DELOU, C.M.C. O papel da família no desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, D. S ; **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação: O aluno e a família**. v. 3, Brasília, 2006.

DELOU, C. M.C. O papel da família no desenvolvimento de altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, D.. (Org.). **A construção de práticas educacionais: Orientação a Professores**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. V. 4. 2006

DELOU, C.MC.; PEIXOTO, L. C. ; PEREIRA, V. L. P. ; GAIOSO, N. ; NOVAES.M.H.; METTRAU, M. B. ; GUENTHER,Z.C. Questões sociais e emocionais na superdotação/ dificuldades e ajustamento escolar / família e escola: perspectivas na educação de alunos superdotados. In: Maria Salete Fábio Aranhau. (Org.). **Adaptações Curriculares em Ação: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos com altas habilidades/superdotação**. 1.ªed.Brasília: , 2003, v. U, p. 01-147.

DELOU, M. C. Lista Básica de Indicadores de Superdotação parâmetro para observação de alunos em sala de aula. In LEHMANN, Lucia de Mello e Souza e COUTINHO, Luciana Gagueiro. **Psicologia e Educação: interfaces**. (Série Práxis Educativa, v.9) Niterói: Editora da UFF, 2014.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (Orgs). **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientações a pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2007

FORD, D.Y. Racial identity among gifted African American students. In: NEIHART M. et al. **The social and emotional development of gifted children: what do we know?** Washington, DC: Prufrock Press, 2002. p. 155-163.

FREEMAN, J; GUENTHER, Z. C. **Educando os mais capazes: ideias e ações comprovadas**. São Paulo: EPU, 2000.

GAMA, M. C. S. **Educação de superdotados: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.

GARDNER, H. **Inteligência Um Conceito Reformulado**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2000.

GARDNER, H.; DAVIES, K. **The app generation How Today's Youth Navigate Identity, Intimacy, and Imagination in a Digital World**. Yale University Press,2013.

GOLEMAN, D. **Emotional intelligence**. New York: Bantam Books, 1995.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver Capacidades e Talentos**. Petrópolis, RJ: EPU 2000.

GUENTHER, Z. C. **Capacidade e talento: um programa para a escola**. São Paulo: EPU, 2006.

GUENTHER, Z. C. **Nova psicologia para a educação**. São Paulo: Canal 6. 2009.

LANDAU, Érika. **A coragem de ser superdotado**. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

LANDAU, Érika. **Criatividade e superdotação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1986.

LEHMANN, Lúcia de Mello e Souza ; COUTO, H. H. O. M. . **Mídias e Juventude: reconfiguração das práticas, linguagens e subjetividades**. In: II Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, 2006, Porto Alegre. JUBRAII _Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira. Porto Alegre- RS: EDIPUCRS, 2006.

MAIA-PINTO, R. R; FLEITH, D. S. Avaliação das práticas educacionais de um programa de atendimento a alunos superdotados e talentosos. **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas, SP: ABRAPEE, v. 8, nº. 1, p. 55-66, 2004.

NOVAES, Maria Helena. **Desenvolvimento Psicológico do Superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

Passow, A. H.). **Differentiated curricula for the gifted/talented**. Ventura, CA: National/State Leadership Training Institute on the Gifted and Talented. 1982.

PÉREZ, S. G. P. B. Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Caderno de Educação Especial**. Santa Maria, n.22, p. 45-49, 2003.

RIBEIRO, C. F. **Sistematização de indicadores de Altas Habilidades/ Superdotação no Ensino Técnico e no Profissionalizante**. Niterói, 2017. 65 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão)- Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SABATELLA, M. L. P. **Talento e superdotação: problema ou solução?** Curitiba: IBPEX, 2008.

STERNBERG, Robert; GRIGORENKO, Elena L. **Inteligência Plena. Ensinando e Incentivando a aprendizagem e a realização dos alunos**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

SPOSITO, M. P. . **Jovens e Educação - Novas Dimensões da Exclusão**. Em Aberto , Brasília, v. 55, n.55, p. 43-52, 1992.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

VELOSO, F. 15 anos de avanços na educação no Brasil: onde estamos? In: VELOSO, F.; PESSÔA, S.; HENRIQUES, R.; Giambiagi, F. **Educação Básica no Brasil: construindo o país do futuro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p. 3-24

WINNER, Ellen. **Crianças superdotadas mitos e realidades**. Porto alegre: Artmed, 1998.

8. APÊNDICES E ANEXOS

8.1 – APÊNDICES

Questionário

Questionário de Egresso

Nome: _____

Idade: _____ sexo: M () F ()

Escola: _____

Bairro onde mora: _____

1) Com que idade foi selecionado para participar do Programa Estrela Dalva?

_____ anos

2) Você alguma vez se sentiu diferente? () sim () não

Em que?

3) Você sabia o que significava ser uma criança superdotada?

() sim () não () tinha alguma ideia

4) Qual foi sua reação ao saber que havia sido selecionado para um programa de atendimento de crianças superdotadas?

() surpresa () estranhamento () alegria () não houve surpresa

() _____

5) Qual foi a reação da sua família ao saber que você havia sido selecionado para um programa com crianças superdotadas?

() surpresa () estranhamento () alegria () não houve surpresa

() _____

6) Você se considerava diferente dos seus colegas de sala? Se sim, em que?

() sim () não

7) Você tinha um objetivo para sua vida? Sabia o que queria ser?

8) Ao passar a frequentar o espaço do Programa sentiu alguma diferença em relação a escola? Se sim, quais?

() sim () não

9) Você gostava de ler antes de entrar no programa? Tinha hábito de leitura?

() sim () não

10) Você frequentava algum espaço cultural antes de entrar no programa?

() sim () não

Quais?

11) Quando você passou a fazer parte do programa houve alguma diferença de tratamento por parte de colegas, professores ou funcionários da escola em relação a você?

() sim () não

Qual? _____

12) Você percebeu alguma diferença na sua relação com os estudos, os conteúdos ou o conhecimento depois que passou a frequentar o programa? Se sim, quais?

() sim () não

13) Além das atividades ligadas a área acadêmica (conteúdos) você acha que o Programa Estrela Dalva te acrescentou algo mais? () sim () não

O que? Liste os três principais aspectos.

14) O que mudou na sua trajetória escolar ou de vida após participar do Programa Estrela Dalva? Cite duas principais mudanças.

15) O que você considera importante no Programa Estrela Dalva para que essas mudanças tenham ocorrido?

16) O que você considera que é ser uma pessoa bem-sucedida?

17) Você acha que estudar traz um diferencial?

18) Além dos estudos acadêmicos o que gostaria de fazer na vida?

19) Imagine que você receba uma verba e possa oferecer a algumas crianças a possibilidade de fazerem algumas coisas que elas nunca poderiam fazer se não fosse pela sua ajuda. O que você ofereceria a elas?
